



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Programa de Pós Graduação – Psicologia Clínica e Cultura
Mestrado

Marina Scalco Duarte

O OLHAR E A VOZ NO AUTISMO:
DA ELISÃO DO SIGNIFICANTE À POSSIBILIDADE DE ENLACE COM O
OUTRO

Orientadora:

Prof^a Dr^a Daniela Scheinkman Chatelard

Brasília

2015

Marina Scalco Duarte

O OLHAR E A VOZ NO AUTISMO:
DA ELISÃO DO SIGNIFICANTE À POSSIBILIDADE DE ENLACE COM O OUTRO.

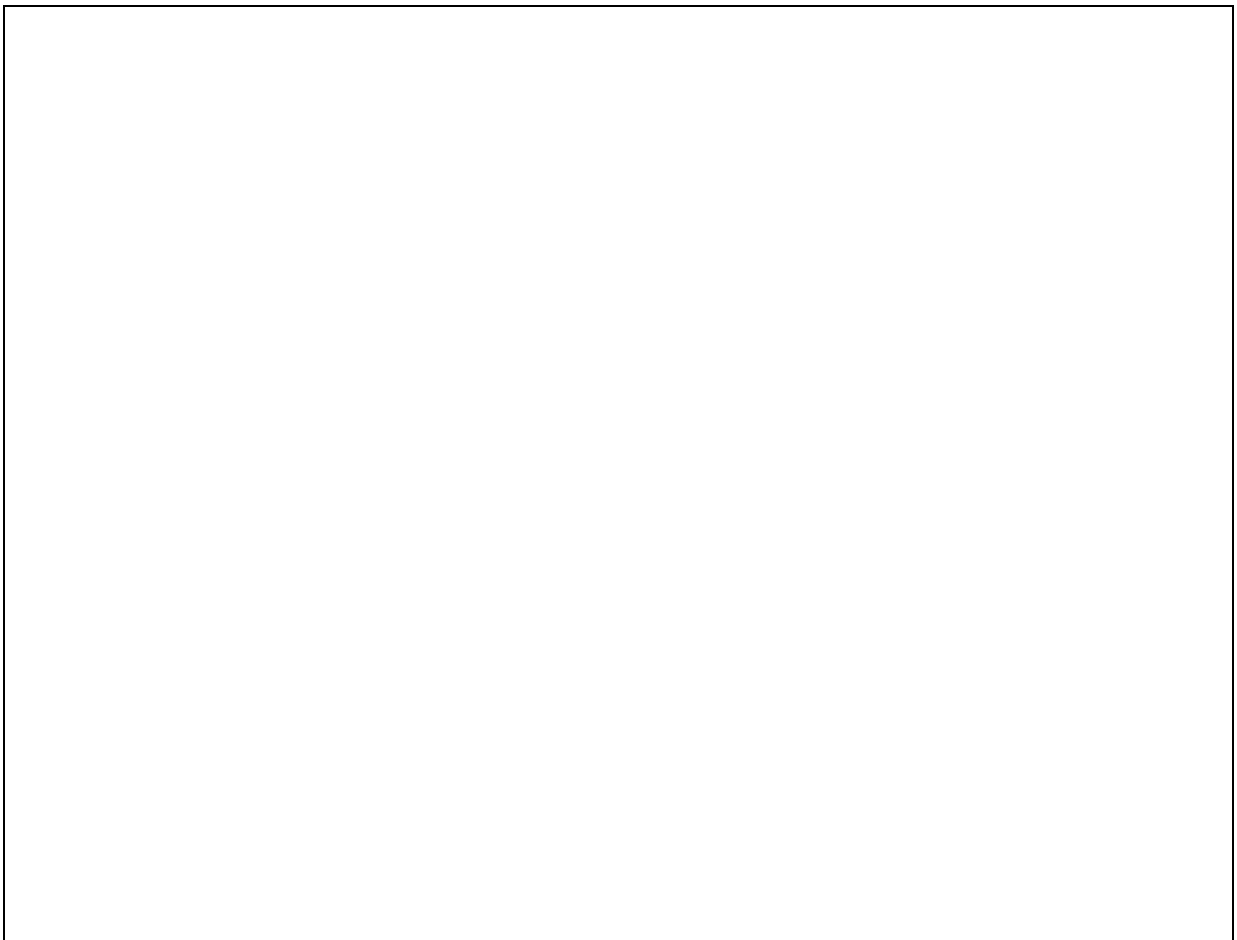
Dissertação apresentada ao
Instituto de Psicologia da
Universidade de Brasília para
obtenção do título de mestre em
Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dra. Daniela
Scheikman Chatelard

Brasília

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.



Marina Scalco Duarte

O OLHAR E A VOZ NO AUTISMO:
DA ELISÃO DO SIGNIFICANTE À POSSIBILIDADE DE ENLACE COM O OUTRO.

Dissertação apresentada ao
Instituto de Psicologia da
Universidade de Brasília para
obtenção do título de mestre em
Psicologia Clínica.

Banca examinadora:

Presidente: _____

Daniela Scheinkman Chatelard

Membro: _____

Sandra Francesca Conte de
Almeida

Membro: _____

Viviane Neves Legnani

Suplente: _____

Márcia Maesso

Brasília, 2015.

Ao Miguel, que me surpreende a cada novo encontro.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Daniela Chatelard, que sempre com muita disponibilidade me orientou nesse caminho.

À Prof. Sandra Francesca, que há muito acompanha minha trajetória acadêmica e que me honra, novamente, com a leitura do meu trabalho.

À Prof. Viviane Legnani, a quem eu, por desejo, assistia dar aula na graduação e que foi responsável por deixar em mim as primeiras marcas da psicanálise.

À Thais Sarmanho, minha supervisora clínica e amiga, que acreditou mais em mim do que eu mesma e me ajudou, desde o início, a pensar este trabalho. Nunca poderei agradecer tamanho investimento afetivo.

Aos meus pais, que sempre me fizeram sentir na pele o que é ser objeto de desejo e de amor do Outro, sempre supondo em mim capacidades imensas.

Aos meus irmãos, que me ensinaram a dividir.

Ao meu namorado Thiago, que com amor, compreensão e apoio imensos suportou meus momentos de ausência.

Às minhas sócias e amigas, Luíza Leal e Loyanne Monteiro, com quem eu divido as angústias do dia a dia. Sem o apoio de vocês eu certamente não teria conseguido.

Às minhas amigas amadas Sabrina Bacelar e Isabella Isahú, que foram sempre companhias maravilhosas nos momentos necessários de descansar a cabeça.

Meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

SCALCO, M. O olhar e a voz no autismo: da elisão do significante à possibilidade de enlace com o Outro.

Não olhar e não responder à invocação do outro são signos importantes no reconhecimento de risco para o desenvolvimento psíquico em bebês, pois denotam uma relação falha com o Outro primordial. Este Outro é responsável pela constituição do eu e do inconsciente do *infans* e seu olhar e sua voz são fundamentalmente meios pelos quais o bebê recebe a marca do enigma do desejo do Outro. Ser olhado e ser chamado por este Outro são ativamente buscados pelo bebê em um tempo que se reconhece como aquele que fecha o circuito pulsional. No entanto, o que vemos nas crianças autistas é uma evitação ativa a isso que vem como marca desse Outro. É necessário, portanto, que nos questionemos sobre o que torna esse olhar e essa voz, para esse tipo de crianças, algo da ordem do insuportável? O que faz com que se posicionem desta maneira diante do Outro? Que características têm esse Outro do autismo? Para isso, passamos pelo entendimento da constituição do aparelho psíquico desde Freud, para em seguida, partindo da proposição lacaniana da elisão como mecanismo de defesa relacionado aos primeiros traços mnêmicos, nos ampararmos na hipótese defendida por Marie-Christine Laznik de que esta seria a defesa característica do autismo, o que impediria o fechamento do circuito pulsional. Esta elisão se justificaria pela presença de um Outro primordial que, por possuir uma posição simbólica frágil, não conseguiria colocar-se como desejante, restando ao par mãe-bebê uma relação marcada por um gozo excessivo. O olhar e a voz do Outro, portanto viriam deflagar o Real insuportável para o bebê, que então os evita para defender-se. Para ilustrar o que se propõe em termos conceituais, é utilizado o caso de um menino autista que durante seu caminho analítico mostrou que o olhar e a voz do outro podem passar da evitação total à possibilidade de enlace com o Outro.

Palavras-chave: autismo, olhar, voz, pulsão, psicanálise.

ABSTRACT

SCALCO, M. The look and the voice in autism: From the elision to the possibility of tie with the Other.

Do not look and do not respond to the invocation of the other are important signs to acknowledge risk on the psychic development in babies, as they denote a failed relationship with the primordial Other. This Other is responsible for the constitution of the self and the unconscious of the infans and his look and his voice are, fundamentally, means by which the baby receives the mark of the Other's desire enigma. Be looked at and be called by this Other are actively pursued by the baby at a time it is recognized as the one who closes the drive circuit. However, what we see in autistic children is an active refusal to what comes as a mark of this Other. It is, therefore, necessary to ask ourselves about what makes this look and that voice, for such children, on the order of unbearable? What makes to position themselves in this way before the Other? What features the autism Other has? To do this, we go through the understanding of the constitution of the psychic apparatus from Freud , for then leaving the Lacanian proposition of elision as a defense mechanism related to the first memory traces, we are supported in the event held by Marie -Christine Laznik that this would be the defense characteristic of autism , which would prevent the closing of the drive circuit. This elision would be justified by the presence of a primordial Other that, for having a fragile symbolic position, could not put up as desiring, remaining to the mother-infant pair a relationship marked by excessive jouissance. The look and the voice of the Other, therefore would deflagrate the Real unbearable for the baby, who, by refusing them, defends himself. To illustrate what is proposed in conceptual terms, it is used the case of an autistic boy who during his analytical process showed that the look and the voice can pass from the total refusal of the other to the possibility of tie with the Other.

Keywords: autism, look, voice, drive, psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO 1: O CONCEITO DE PULSÃO DE FREUD A LACAN	20
1.1 Considerações sobre a pulsão escópica.....	266
1.2 Apontamentos sobre a pulsão invocante	333
CAPÍTULO 2: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: O QUE FALHA NO AUTISMO?.....	388
2.1 O sujeito e o Outro.....	388
2.2 O Outro da psicose e o Outro do autismo – como responde o bebê?	455
2.3 O olhar e a voz no autismo – elisão como defesa.....	566
2.3.1 O campo do olhar.....	566
2.3.2 A voz.....	6161
CAPÍTULO 3: “MÃE, OLHA PRA MIM!”- o CAMINHO ANALÍTICO DE UM MENINO AUTISTA POR MEIO DA VOZ E DO OLHAR.	655
CONSIDERAÇÕES FINAIS	855
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	9090

INTRODUÇÃO

É com grande facilidade - que para alguns como eu causa imensa estranheza - que crianças hoje em dia são diagnosticadas como autistas. Seus signos sintomáticos são repetidos inúmeras vezes na televisão, nas revistas de amplo acesso da população geral, nas escolas e também entre os médicos e psicólogos, como um *check-list* que só se atualiza a cada nova classificação diagnóstica surgida no campo científico.

A estranheza vem do fato de que este tipo de prática parece desconsiderar que o autismo é um campo de imensas controvérsias, e que hoje é o centro de disputas políticas e teórico-científicas que não permitem qualquer tipo de olhar automático e pré-fabricado sobre este fenômeno (Ferreira, 2014).

No entanto, nos vemos constantemente questionados sobre as singularidades destas crianças que chegam para tratamento em nossos consultórios. Ferreira (2014) destaca que, independentemente de que fatores etiológicos estejam em jogo neste campo, genéticos ou ambientais, trata-se, todavia, das particularidades da constituição do sujeito como ser falante, ou seja, o sujeito da própria psicanálise. Isso faz com que o lugar da psicanálise enquanto possibilidade de tratamento esteja justificado.

A psicanálise, portanto, não poderia se furtar a este tipo de discussão que tanto interroga a clínica infantil, pensando-a a partir de seu aparato teórico que, desde Freud, nos faz pensar sobre como se constitui o aparelho psíquico na mais tenra infância para permitir que surja aquilo que Lacan denomina como o sujeito do inconsciente.

Stelzer (2010) destaca que demorou muito tempo na história da medicina para que se reconhecessem enfermidades psiquiátricas na infância, e que somente em 1867, com Maudsley, vemos na literatura médica um capítulo chamado “Insanidade do início da vida” que tenta correlacionar sintomas específicos com estados do desenvolvimento infantil. Ainda que este capítulo tenha sido uma tentativa precária de classificar os transtornos infantis, foi um importante marco na

história da psiquiatria no que diz respeito à possibilidade de um olhar dirigido às crianças.

O autor destaca também que no início do século XX, na Itália, DeSanctis constatou que entre as crianças consideradas deficientes mentais, algumas apresentavam sintomas do que mais tarde viria a se chamar de psicose. Isso o fez estudar as relações entre deficiência mental e *dementia praecox*, concluindo em 1906 que crianças com deficiência mental e, portanto, com alterações neurológicas que justificavam a patologia, podiam desenvolver sintomas psicóticos, enquanto outras, sem alterações neurológicas que justificassem a deficiência mental, e intelectualmente bem desenvolvidas, deveriam ser classificadas com demência precocíssima em função da idade em que apareciam os sintomas.

Seguindo os caminhos abertos por estes médicos, em 1908 Heller estuda casos de seis crianças que apresentavam sintomáticas consideradas muito estranhas e que se iniciavam por volta do terceiro ou quarto ano de vida. Após desenvolvimento considerado normal, desenvolviam um mal estar progressivo, com perda de interesse pelo ambiente e pelo outro, perda da fala e do controle esfinteriano, regressão “idiótica” apesar da preservação da aparência fisionômica de inteligência e da coordenação motora grossa (Stelzer, 2010).

Apesar desses estudos já iniciados sobre os transtornos psiquiátricos da infância, Gontijo (2008) nos lembra que o termo autismo só foi usado pela primeira vez por Bleuler em seu Tratado de Psiquiatria, de 1911, como um sintoma prevalente da esquizofrenia adulta (esquizo- cisão frenia- mente), nome que ele julgava melhor para o conjunto de sintomas já batizado por Kraepelin de demência precoce. A este sintoma Bleuler relacionava aquilo que observava nos esquizofrênicos com uma dissociação do sujeito em relação à realidade, ou seja, uma significativa retração e construção delirante que dificultava a interação com o meio. Juntamente com a descrição dos sintomas, Bleuler tenta incluir uma explicação etiológica que considerava as proposições freudianas da vida psíquica e da história do paciente, apesar de neste momento já ter se afastado da Associação de Psicanálise (Gontijo, 2008).

Roudinesco e Plon (1998) afirmam que, para Freud, Bleuler havia tomado um conceito utilizado por ele nos “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” (1905),

aquele do autoerotismo, que ele, por sua vez, havia tomado de Havelock Ellis. Com este termo Freud propunha a obtenção de prazer com o próprio corpo, sem necessidade de recorrer a nenhum objeto externo, falando então de um enclausuramento do sujeito em seu mundo interno. No entanto, as autoras lembram que Bleuler preferia o termo autismo para destacar que discordava de Freud quanto à etiologia sexual das patologias mentais.

Freud (1914), em sua “Contribuição à história do Movimento Psicanalítico” destaca que a partir desta nova forma de entender a esquizofrenia aberta por Bleuler, ficou cada vez mais difícil para a psiquiatria ignorar as construções defendidas pela psicanálise no que se referia à etiologia e ao tratamento das doenças mentais.

Com essa nova forma de enxergar o adoecimento mental, não focado exclusivamente nas questões orgânicas, Bleuler acompanha também as modificações nas possibilidades de tratamento para estas afecções que, a partir de Freud, passam a considerar que a fala do paciente, e até mesmo seu conteúdo por vezes delirante, trariam em si uma explicação para sua construção sintomática.

Somente em 1943 o psiquiatra austro-húngaro Leo Kanner propõe uma nova síndrome psiquiátrica da infância que ele denomina “*distúrbio autístico do contato afetivo*” e posteriormente de “*autismo*”.

Neste artigo, Kanner (1943) se propõe a descrever bastante pormenorizadamente, a partir dos casos de onze crianças, os sintomas que compunham a síndrome ou distúrbio da infância que ele agora tentava delimitar. Destaca que estas crianças pareciam nascer com uma incapacidade inata para as relações com outras pessoas, e por isso estavam sempre como que voltadas para dentro de suas conchas. Qualquer interferência do outro que pudesse impedir de continuarem alheios ao que acontecia ao seu redor os deixava tomados de angústia, ou muito irritados e agressivos, como descreve Kanner.

A intolerância a qualquer tipo de modificação no ambiente, na rotina ou no uso dos objetos é colocado por ele como central nas possíveis constelações sintomáticas. As características da fala também são discutidas neste artigo quando nos fornece sua percepção de que, mesmo aquelas crianças que falavam, não

pareciam ter nenhuma intenção de comunicação com o outro. Por isso, a fala era restrita a alguns sons, palavras ou frases, que para ele pareciam como sem sentido, lançadas ao ar. Além disso, por vezes eram uma repetição ecológica e minimalista de sentenças ouvidas que pareciam ter o objetivo de garantir o controle sobre as ações do outro.

Kanner (1943) faz questão de ressaltar que não compreendia que esta nova síndrome descrita por ele poderia ser enquadrada no diagnóstico de esquizofrenia, pois, de acordo com ele, diferentemente da esquizofrenia, os sintomas poderiam ser observados desde os primeiros meses de vida. Ou seja, enquanto o esquizofrênico se retira de um mundo com o qual teve contato, aos poucos, o autista faria o caminho inverso, partindo de um completo retraimento para um contato com o mundo cada vez melhor suportado ao longo do seu desenvolvimento.

Ao mesmo tempo em que relaciona as incapacidades das crianças com uma causa orgânica inata, Kanner (1943) ressalta também a incapacidade dos pais em lidarem com os filhos. Descreve-os como intelectuais mais interessados em questões científicas e técnicas do que em estarem em contato com os bebês.

Segundo Cavalcanti e Rocha (2002) esta concepção das “mães geladeiras” ou dos “pais intelectuais” permaneceu por longo tempo nas concepções psiquiátricas e psicanalíticas da etiologia do autismo, havendo marcas do texto de Kanner em todos os teóricos que se dedicaram a falar do autismo depois dele. No entanto, não se pode negar que estas concepções foram significativamente reformuladas dentro da psicanálise nas últimas décadas, como destaca Kupfer (1999).

Cavalcanti e Rocha (2002) afirmam ainda que o entendimento que Kanner faz do fenômeno do autismo contribuiu para a construção da ideia de impossibilidade e deficiência presente nas proposições de alguns psicanalistas para o autismo, diferentemente de Bleuler que consegue uma valorização da fala e da forma de pensamento do doente.

Ainda segundo as autoras, a metáfora da “tomada desligada”, utilizada por Kanner para descrever o que via das crianças autistas, acentuou a noção de falta de contato com o mundo externo, assim como indica uma pobreza do mundo interno,

que influenciou psicanalistas como Margareth Mahler, Bruno Bettelheim, Francis Tustin e Donald Meltzer a se utilizarem das expressões como “ovo”, “fortaleza vazia”, “cápsula” ou “carapaça” e até mesmo de uma “folha em branco” para se referirem à posição autística (Cavalcanti e Rocha, 2002).

Kupfer (2000) destaca que essa posição dos psicanalistas, muito influenciados pelas ideias de Kanner a respeito da culpa das mães na causação da sintomática dos filhos, proporcionou uma aversão destas pela psicanálise, e permitiu que se juntassem em associações que pretendiam garantir que seus filhos, e o de outras mulheres, não fossem atendidos por psicanalistas.

Assim, nos vemos hoje colocados em meio a uma batalha política, já bastante difundida em países da Europa como França, Itália e Espanha, assim como nos EUA, que, agrupando o autismo dentro das deficiências mentais, exigem e restringem o tratamento a técnicas educativas. Esta disputa chegou ao campo jurídico, que tenta impedir o tratamento de crianças autistas pela psicanálise (Texto do mpasp).

No Brasil, esta disputa chega muito fortemente nos últimos anos, levando o governo de São Paulo a fechar algumas instituições de tratamento reconhecidamente com viés psicanalítico com o argumento de que o que se fazia ali não possuía comprovação científica, retirando dos pais seu direito de escolha em relação à terapêutica de seus filhos.

Apesar das críticas que se fazem à psicanálise, podemos entender que ela intenta a dar um passo a mais no entendimento do que se passa com essas crianças, ultrapassando a ótica biológica de descrição sintomática e classificação de síndromes e transtornos, realidade com a qual nos deparamos predominantemente hoje com os guias de classificação de doenças, para uma compreensão que envolveria algo além do orgânico. Isso faz com que Kupfer (2000) afirme que o neurologista e o psicanalista nunca falam do mesmo autista.

Legnani e Almeida (2004) ressaltam que o discurso médico focado nas causas biológicas contribui para a desresponsabilização dos atores que se ocupam da criança, ficando unicamente o orgânico como responsável pelo fracasso e pelas dificuldades desta.

É por isso que não podemos nos furtar de trabalhar em defesa da nossa prática enquanto possibilidade de tratamento para estas crianças, respeitando a escolha de seus pais que, ao contrário do que se pensa, não são por nós culpabilizados pelo passado de seus filhos, mas sim, implicados nele e no seu futuro, e, portanto, em seus tratamentos. É preciso que defendamos nossa tradição inaugurada com Freud de nos debruçarmos com um olhar diferenciado e de reconhecimento do sujeito para aqueles que nos chegam em sofrimento.

Esta tradição foi bem defendida por Melanie Klein, que desde 1920 se propôs a pensar a problemática que se inscrevia nestas crianças que estavam para além, ou aquém, da neurose.

É neste ano que ela analisa um menino que, após a publicação de seu caso em 1930, fica conhecido como Dick. Tinha quatro anos, mas segundo Klein (1930/1981) seu desenvolvimento intelectual equivalia a uma criança de 15 ou 18 meses. Quase não tinha relações com o ambiente ou com as pessoas ao seu redor, e sua adaptação à realidade e contatos emocionais era pobre. Era indiferente a presença ou ausência da mãe, da ama-seca e também da analista.

Não brincava, somente repetia sons ininteligíveis, sem nenhum interesse em se fazer compreender, e utilizava o escasso vocabulário que tinha de forma incorreta. A expressão de seu rosto era fixa, ausente e desinteressada. Com uma relação com a mãe muito ruim e ansiogênica para os dois no período de amamentação, Dick negava-se a comer.

Em nenhum momento Klein (1930/1981) utiliza o termo autismo para definir os sintomas de Dick ou seu quadro geral, mesmo porque este ainda não havia sido formulado por Kanner, apesar de hoje vermos claramente que se tratava de uma criança com este tipo de funcionamento. No entanto, demonstra em seu texto que no seio da psicanálise com crianças a discussão a respeito das hipóteses diagnósticas desse tipo de caso já havia chegado.

Defendia, então, que a afecção de Dick seria uma esquizofrenia atípica, com algumas diferenças ainda enigmáticas para ela naquele momento. Em relação à esquizofrenia já descrita, apesar dos sintomas muito próximos, tratava-se, no caso de Dick, de uma inibição do desenvolvimento, e não de uma regressão, como é

comum nos casos de esquizofrenia. Além disso, destaca a diferença para a demência precoce dizendo que esta seria muito pouco comum na primeira infância. Quanto à esquizofrenia, Klein defende que esta não só seria comum na primeira infância, como seu conceito deveria ser ampliado para uma fase natural do desenvolvimento infantil.

Para Melanie Klein o mundo do bebê parte de um continente, que é o corpo da mãe, assim como de seu conteúdo, ou seja, dos objetos que a criança encontra nele. Com estes objetos estabelece sempre uma relação ambivalente entre desejo de destruição e medo, pois tomado de culpa, supõe neles a mesma capacidade de destruição que ele mesmo fantasia possuir. Isso lhe causa profunda ansiedade. Tenderá a cindir esses objetos em bons e maus, separando os maus da imagem fantasiada do corpo da mãe que, nesse momento, pode ser somente a fonte de suas maiores satisfações. Por sua ansiedade em relação aos objetos maternos, passará a dirigir seu interesse para outros objetos menos perigosos e substitutivos destes primeiros.

Assim, para Klein (1930/1981), os sintomas de Dick estavam relacionados a uma defesa contra o sadismo, que por ser muito acentuada fez com que ocorresse uma inibição no desenvolvimento do ego e nas capacidades simbólicas, ou seja, imaginativas e fantasísticas, seguindo entendimento que Klein faz deste conceito. Este, segundo ela, é a forma de funcionamento comum dos mecanismos de defesa na psicose.

Segundo Melanie Klein, outros psicanalistas como Margaret Mahler e Francis Tustin seguem suas proposições e assumem a posição de que autismo e psicose seriam um mesmo fenômeno clínico. (KUPFER, 1999)

Em seu "Seminário I" (1953-1954/2009) Lacan discute o caso Dick de Melanie Klein, levantando a hipótese, portanto, de que o menino não constitui seu imaginário, ou seja, não teve o Real de seu organismo enlaçado pelo Simbólico da palavra do Outro. Dick não consegue investir nos objetos do mundo porque, para ele, estes não possuem caráter de substituição possível. Ou seja, a pulsão não consegue retornar ao seu lugar de origem com um objeto tomado do campo do Outro para satisfazer, mesmo que parcialmente, a pulsão.

Apesar de Lacan não ter se dedicado ao tema do autismo, algumas de suas proposições teóricas foram de grande importância para a construção do entendimento psicanalítico a respeito do autismo, assim como das especificidades de sua clínica.

Em sua “Conferência em Genebra sobre o sintoma” (1975/ 1988), ao responder algumas questões do Dr. Cramer sobre o autismo e a sua aparente dificuldade em aceitarem a inscrição simbólica vinda do Outro, Lacan define sua problemática enquanto um congelamento, algo que ele, logo em seguida, definirá como uma espécie de fixação. Sua fala, amplamente conhecida, diz “trata-se de saber porque há algo no autista ou no chamado esquizofrênico, que se congela” (p. 17).

Se entre os campos médico e psicanalítico há discordância, isso não quer dizer que dentro da psicanálise haveria consenso.

Alguns teóricos da psicanálise como é o caso de Zenoni (1991) e Freire (2002) afirmam que o autismo estaria dentro do campo das psicoses, relacionando-se, portanto, a uma evitação seletiva do Outro numa tentativa de barramento de um gozo excessivo.

No entanto, pode-se também compreender tal proposição de Lacan como um reconhecimento de que, nos dois casos, tanto na psicose quanto no autismo, haveria algo que se congela, mas tal congelamento se daria em momentos distintos da constituição psíquica, algo que de tão precoce no autismo não permitiria estabelecimento de um sujeito. Esta proposição tem estado presente fundamentalmente nos trabalhos de teóricos que se ocupam da clínica precoce com bebês com risco de autismo.

Este é o caso de Marie-Christine Laznik, teórica e clínica importante do campo do autismo dentro da psicanálise, e que, assim como Colette Soler (1994), compreende que nestas crianças algo falha no processo de alienação, e não de separação, como é o esperado em casos de psicose, que impediria que o circuito pulsional se fechasse, não havendo, assim, inclusão do Outro no campo de investimentos do bebê.

Para ela, no autismo haveria um gozo do Outro sentido pelo bebê como excessivo e intrusivo, o que provocaria a necessidade de algo que Zenoni (1991) denomina de tratamento do Outro, para que o sujeito possa advir. Laznik (2004) propõe, então, que com o tratamento pela psicanálise poderia haver um fechamento deste circuito.

Ver o Outro nascer para o sujeito é o que também propuseram Rosine e Robert Lefort (1983) como objetivo do tratamento de crianças autistas, embebidos pelas ideias de Lacan a respeito da constituição do sujeito.

Laznik (2004) registra a falha do campo especular no autismo, resultado de algo do olhar entre o bebê e sua mãe que não se deu a contento. Catão (2009) nos lembra que tapar os ouvidos para tornar-se surdo à voz do outro é equivalente a evitação do olhar do outro, e serviriam, os dois, como metáfora do funcionamento autístico. Assim, como objetivo geral desta pesquisa tem-se a reflexão a respeito do que há de tão insuportável para essa criança nisso que vem do outro através da voz e do olhar.

A metodologia escolhida para este trabalho foi a qualitativa, que, segundo Pinto (2004), é aquela que considera a ciência como uma construção da subjetividade humana, uma forma particular de ver um fenômeno que, no entanto, é circunscrito dentro de um sistema teórico. Para a autora, a pesquisa qualitativa não visa uma verificação direta de resultados e conclusões, mas sim um apontamento em direção a um sentido do fenômeno estudado a partir da verificação de regularidades contidas em um conjunto de elementos que, direta ou indiretamente, poderão adquirir um sentido dentro do campo teórico, seja porque ainda não foram integrados a ele, seja porque confirmam hipóteses específicas.

A revisão de literatura como método de pesquisa levou este trabalho a uma discussão sobre as ideias formuladas pelos teóricos da psicanálise, essencialmente aqueles identificados com a psicanálise lacaniana, a respeito do olhar e da voz o autismo.

Para trilharmos esse caminho teórico passaremos pelas proposições de Freud e Lacan a respeito das pulsões e de seu caráter de reversão de atividade em passividade, além das especificidades das pulsões escópica e invocante, para que

posteriormente o entendimento sobre o autismo, que considera uma falha no circuito das pulsões, possa ser apreendido com maior facilidade.

Em seguida, partiremos para as proposições sobre a constituição do sujeito, desde a “Carta 52”(1896/ 1996) de Freud a Fliess, onde encontramos o esquema da constituição do aparelho psíquico em termos de registros de inscrições e traduções das marcas mnêmicas e dos significantes nos diversos tempos, até as proposições lacanianas a respeito do tema das primeiras inscrições, para pensarmos em que momento se encontraria a falha do autismo, relacionando a isso a pulsão invocante e escópica.

Ao final, no último capítulo, chegamos até a clínica do autismo e o lugar do analista que, entrando no jogo escópico e invocante na medida do que o próprio autista propõe, pode acessá-lo e inscrever-se enquanto Outro neste circuito pulsional, abrindo a possibilidade de seu fechamento, como propõe Laznik (2004).

Como ilustração a respeito da discussão que se impõe neste trabalho e de como os registros pulsionais da voz e do olhar permeiam a clínica do autismo, utilizarei algumas informações sobre o caso de um menino atendido por mim.

CAPÍTULO 1

O CONCEITO DE PULSÃO DE FREUD A LACAN

Para introduzir o termo pulsão, é necessário que passemos por alguns textos fundamentais de Freud, a começar pelo *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895/ 1996). Neste texto, é em termos de uma quantidade (Q), de excitação que compõe o sistema nervoso que Freud vai tentar explicar o funcionamento do aparelho psíquico. Vemos Freud diferenciar Q , a quantidade de excitação que viria de fora do aparelho, de Q_n , aquela que viria de dentro do próprio aparelho e que geraria as necessidades básicas do organismo como fome, sede, respiração, entre outras.

De Q o aparelho psíquico pode fugir através de uma descarga motora que retira a superfície do organismo do contato com a fonte da estimulação, mas o mesmo não pode ser feito em relação a Q_n . Neste momento, portanto, já vemos uma diferenciação importante para aquilo que será retomado por ele posteriormente no momento de definir as pulsões. No entanto, ainda não utiliza este termo, e sim, o de estímulos endógenos.

Logo, quando fala da consciência, vemos Freud formular, ainda que sem nomear, o princípio do prazer, ou princípio da constância, em que as sensações prazerosas viriam da descarga de excitação, enquanto que o aumento de Q no aparelho geraria o que chega a consciência como desprazer.

Freud então já destaca algo que será retomado tanto nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/ 1996) quanto no texto das *Pulsões e seus destinos* (1915/ 2010), a respeito do caráter dos estímulos endógenos, qual seja, sua constância e a necessidade de uma modificação no mundo externo para que tal estimulação possa ser eliminada, eliminando assim a sensação de desprazer.

Nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/ 1996), separando as pulsões sexuais das pulsões de autoconservação, ou do Eu, Freud nos diz que a atividade da pulsão sexual e de sua satisfação inicialmente estaria ligada a satisfação das necessidades fisiológicas, mas que dela se separaria. A isso Freud dá o nome de teoria do apoio. No entanto, utilizando o exemplo do lactente que suga o leite materno, destaca que permanece a satisfação com o sugar mesmo que já não exista nenhuma forma de alimentação proveniente desta atividade. Ou seja, novamente entende que nesta separação resta algo que difere essencialmente de qualquer fim orgânico, separando, assim, definitivamente o estímulo endógeno das pulsões.

Neste momento, em que Freud (1905/ 1996) dedica-se a estudar a perversão como um aspecto presente no desenvolvimento normal da sexualidade infantil, o vemos afrouxar o vínculo pressuposto até então entre a pulsão sexual e o seu objeto de satisfação, dizendo “é provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste.”(p. 140)

Defendendo ainda esta posição, Freud (1905/ 1996) nos deixa claro que aquilo de que fala com a pulsão se difere de qualquer coisa que se possa assimilar a um instinto, algo do puro organismo, quando diz:

Ainda assim, é esclarecedor sobre a natureza da pulsão sexual o fato de ela admitir tão ampla variação e tamanho rebaixamento de seu objeto, coisa que a fome, muito mais energeticamente agarrada a seu objeto, só permitiria nos casos mais extremos. (p. 140)

Freud então nos dá um apanhado geral sobre as características das pulsões no início da vida infantil e o seu destino entendido como normal, ou seja, inicialmente é autoerótica e parcial. Isso quer dizer que obteriam satisfação a partir de partes do próprio corpo de maneiras desvinculadas e independentes entre si em seus esforços para chegar ao prazer, para, mais tarde, reunirem-se sob o primado da zona erógena genital com um fim comum, a reprodução.

As pulsões são, portanto, desde o início, parciais, ou seja, sob o âmbito da noção econômica os objetos só podem ser representados pela parcialidade de satisfação que promovem a cada vez que são investidos.

É no artigo traduzido como *As pulsões e seus destinos* (1915/ 2010), no entanto, que vemos Freud conceituar a pulsão. Neste texto Freud reúne todas as concepções até aquele momento formuladas por ele a respeito deste tema, para tentar esclarecer definitivamente qual o seu entendimento deste conceito que a psicanálise coloca em evidência para, no entanto, subvertê-lo.

Segundo Lacan, em seu *Seminário XI* (1964/ 2008), dedicado aos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, um deles a pulsão, Freud integrou de tal maneira o termo *Trieb* no arcabouço teórico da psicanálise, lhe dando um emprego tão especificado, que faz com que esqueçamos sua história anterior.

Após retomar proposições já contidas em seus outros trabalhos a respeito das diferenças entre estímulos externos e estímulos endógenos, e desses em relação à pulsão, que seria uma força constante impelindo o psiquismo ao trabalho enquanto o primeiro agiria como uma força momentânea de impacto, Freud (1915/ 2010) nos fornece o conceito de pulsão como “um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo.” (p. 57)

Ele então divide a pulsão em quatro componentes, o *Drang*, impulso, a *Ziel*, meta, o *Objekt*, objeto e a *Quelle*, fonte. O impulso é o motor, a soma de força que faz com que o psiquismo entre em movimento. A meta é a satisfação, ou seja, a eliminação da estimulação que, no entanto, pode ser alcançada por inúmeros caminhos, ou por uma combinação de metas próximas, como destaca Freud (1915/ 2010). Por fonte, Freud entende o local de onde parte o impulso que chega ao psiquismo, que, no entanto, só podemos conhecer por meio de sua meta.

O objeto é um ponto que merece destaque por sua formulação. Segundo Freud já havia adiantado nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/ 1996), é aquele pelo qual a pulsão pode encontrar sua satisfação. É, no entanto, o elemento mais variável de uma pulsão à outra, pois não há ligação de um objeto com a satisfação *a priori*, somente depois que este já demonstrou suas propriedades satisfatórias é que então ganha o status de objeto para o qual se dirige o impulso. Parece, então, que aqui Freud está destacando a necessidade de um

algo a mais que promova um, e não outro objeto como aquele que traz a satisfação (Freud, 1915/ 2010).

A respeito do objeto, Freud (1915/ 2010) destaca ainda que o mesmo pode servir a mais de uma pulsão, que pode ser uma parte do próprio corpo e ser modificado diversas vezes de acordo com o caminho que a pulsão toma ao longo da vida. Ao mesmo tempo, pode fixar-se muito obstinadamente a satisfação de uma pulsão e impedir sua mobilidade característica, como é o caso da perversão.

Quanto aos destinos que podem tomar as pulsões sexuais, Freud (1915/ 2010) aponta quatro deles: a reversão no contrário, o voltar-se contra a própria pessoa, a repressão e a sublimação, dedicando-se a explicar os dois primeiros casos. Estes possíveis caminhos para a pulsão também são tratados por ele como defesas contra a própria pulsão, um rodeio, impedimento para que esta encontre sua satisfação mais rapidamente. Aqui, Freud parece apontar para um entendimento das pulsões como um trabalho civilizatório, ou seja, sair do campo do instinto e chegar à pulsão é resultado da humanização do bebê, e é o que nos permitiria viver longe do gozo destrutivo do laço social e produzir objetos culturais. Este trabalho é função do Outro primordial, algo que veremos mais adiante.

Explicita, então, aquilo que acredita serem os dois processos do destino de reversão no contrário, a conversão da atividade em passividade, ponto essencial para o desenvolvimento deste trabalho, e a inversão de conteúdo. Para a exposição do primeiro processo, a conversão de atividade em passividade, se utilizará dos exemplos de opostos sadismo-masochismo e voyeurismo-exibicionismo que desde os “Três Ensaios” são tomados por ele como exemplos de pulsões parciais. Nestes dois casos, há uma substituição de meta, ou seja, da meta ativa: atormentar, olhar, pela meta passiva: ser atormentado, ser olhado. Já o destino de voltar-se contra a própria pessoa traz a consideração importantíssima de que há também uma mudança de objeto, e não somente de meta, e que convergem nestes dois exemplos escolhidos por ele, onde o próprio sujeito pode tornar-se objeto (Freud, 1915/ 2010).

É no *Seminário XI* (1964/ 2008), que Lacan vai se dedicar a comentar este texto com mais profundidade para desdobrar o conceito de pulsão, um dos quatro escolhidos por ele como essenciais. Miller (1997) afirma que Lacan deu este nome,

assim como o de sua escola, Escola Freudiana, para deixar claro que não era um dissidente de Freud, mas ao longo do seminário percebemos que a intenção de Lacan era fazer um retorno à letra freudiana para ir além dela.

Lacan (1964/ 2008) pergunta claramente então, se quando fala de pulsão, é o registro do orgânico que Freud está colocando como central, para que ele mesmo responda que, em nenhuma medida é disso que se trata, e que a tentativa de Freud ao enumerar os quatro elementos da pulsão era justamente mostrar que não se trata de algo natural, mas daquilo que Lacan denomina como ficção ou montagem.

Em seu *Seminário X* (1962-1963/2005) Lacan diz claramente: “uma pulsão nada tem a ver com um instinto” (p. 77), posição também já defendida em seu texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960/ 1998) em que já havia apontado brilhantemente esta diferença entre aquilo que se denomina instinto e o *Trieb* de Freud. Afirma que enquanto no primeiro trata-se daquilo que biologicamente entende-se como algo que o sujeito conhece sobre sua satisfação, mas não pode saber, o segundo é o exato oposto, ou seja, é de um saber, sempre inconsciente, que carrega consigo a impossibilidade de conhecimento. Portanto, se para Freud a pulsão seria aquilo que une psíquico e somático, para Lacan ela é aquilo que articula o significante e o corpo, ou seja, o simbólico e o Real.

Lacan (1964/2008) coloca em evidência o apontamento de Freud de que toda pulsão é sempre pulsão parcial, e contém em si mesma pulsão de vida e de morte, rejeitando, então, a proposição de Freud do dualismo pulsional. Ao observar os quatro termos da pulsão, Lacan (1964/2008) destaca “digamos que esses quatro termos só podem aparecer disjuntos” (p. 161), nos dando a noção daquilo que chamará de uma desmontagem da pulsão.

Insiste ainda em algo que para ele parece esquecido na psicanálise, a de que não é o vivo que interessa nos termos da pulsão, ou seja, já não é o Real que irrompe nessas situações. Partindo daquilo que Freud traz como pressuposto desde que se prestou a explicar os sintomas histéricos, ou seja, que há uma imagem corporal que não corresponde ao orgânico, no qual os investimentos libidinais em partes do corpo específicas fazem com que a conversão tenha uma montagem que não corresponde à anatomia, fica claro que na pulsão trata-se do corpo enquanto imaginário e simbólico, e não enquanto Real.

Lacan (1964/2008) destaca ainda que a pulsão não pode ser satisfeita através do movimento corporal, não é de uma energia cinética que se trata, pois a descarga de que ela necessita é de outra ordem. Ele então aponta para o caráter de impossível da pulsão defendendo que não é pelo objeto que a pulsão se satisfaz, pois não há objeto possível que sirva a esse papel. Ele diz que “a pulsão apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz” (p. 165). Isso caracteriza o essencial da pulsão, ou seja, que ela se distingue radicalmente da necessidade, pois esta sim se satisfaz no encontro com o objeto. Dessa forma, a boca, fonte da pulsão oral, não se satisfaz pelo alimento que nela chega, mas sim, pela própria boca no que o impulso retorna a ela.

Traçando esse caminho ele desmonta a pulsão em seus quatro elementos, fonte, objeto, satisfação e alvo, e afirma que ela se pareceria, portanto, com uma montagem surrealista, onde as combinações possíveis dos quatro elementos são infinitas e podem não ter nenhuma ligação lógica entre si. Segundo Lacan (1964/2008) “a pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente”. (p. 173). Esse caráter de montagem e desmontagem da pulsão já estava nos “Três Ensaio” de Freud quando ele diz que a pulsão é polimorfa, e aqui Lacan lhe dá a devida centralidade. O que faz então, a pulsão, com o objeto para se satisfazer? Qual é a satisfação da pulsão? Lacan propõe que a pulsão contorna o objeto.

É assim, portanto, que Lacan (1964/2008) inscreve a fonte na economia da pulsão enquanto borda, ou seja, aquilo que tomamos como fonte da pulsão são estruturas corporais com esta formação em borda, que fazem o contato entre o que é do interior e do exterior e que por isso são erotizadas.

Lacan (1964/2008) então assemelha o movimento pulsional ao movimento de um arco e flecha. O que ele pretende trazer a tona aqui é o caráter circular da pulsão, ou seja, o fato de que ela dirige seu impulso para fora do sujeito em direção ao objeto, para contorná-lo e retornar a sua fonte, fechando assim um circuito, um enlace. Portanto, o percurso da pulsão é circular e isso já está marcado em Freud quando este traz as três etapas da pulsão e seus efeitos de vai e vem. Assim, o alvo

da pulsão parcial é sempre o seu retorno em circuito, e não a satisfação pelo objeto encontrado. Esta é a imagem que Lacan utiliza para marcar este circuito pulsional.

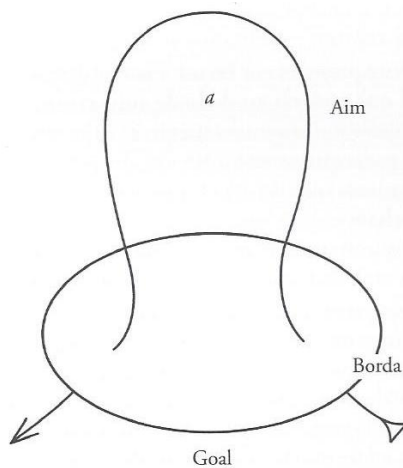


Figura 1: Representação do circuito pulsional utilizada por Lacan no Seminário XI, (p. 175).

Como destaca Catão (2009), o impulso parte da zona erógena, contorna o objeto e traz consigo, no retorno ao corpo, os significantes em substituição a este objeto que não satisfaz. O que a pulsão circula é o objeto *a*, termo ao qual Lacan deu inúmeras definições ao longo de seu ensino para tentar dizer daquilo que era o essencial, qual seja, que este objeto remete a uma perda, a um vazio, o do Real, que nunca será preenchido.

Freud já havia destacado o seio e as fezes como objetos pulsionais, e Lacan (1964/2008) acrescentará a eles o olhar e a voz. Estes objetos seriam aqueles pelos quais o sujeito encontra-se com o desejo do Outro. (LACAN, 1964/1998)

1.1 Considerações sobre a pulsão escópica

Desde os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), vemos Freud dar lugar importante à pulsão escópica. Lá, ele a coloca como a forma mais frequente que a excitação libidinal é despertada, o que permite que no jogo do mostrar e ocultar nos interessemos por aquilo que carrega algo da beleza e pela arte como forma sublimada de satisfação pulsional. Já está contido nesta ideia do jogo de mostrar e ocultar proposto por ele que a pulsão escópica carrega consigo, em sua relação com o objeto, um caráter de vai e vem ativo e passivo.

Para compreendermos as especificidades que Freud propõe para a pulsão escópica, é necessário diferenciarmos o seu processo daquele proposto para o par de opostos sadismo-masoquismo.

Ele descreve no texto *As pulsões e seus destinos* (1915), portanto, o processo do par de opostos sadismo-masoquismo da seguinte forma:

- a) Inicia destinando sua violência ao outro, tomando-o então como objeto;
- b) O objeto primeiro é abandonado e substituído pela própria pessoa, passando ela a ocupar o lugar de objeto, assim como modifica a meta de ativa para passiva;
- c) Volta a procurar o outro como objeto, que, no entanto, agora assumirá o lugar de sujeito em função de a meta ativa ter se tornado passiva no estágio anterior. Aqui, o sujeito procura um outro que o violentará.

Já para a pulsão escópica, Freud (1915) vai propor a inclusão de outra etapa, anterior a esta que inicia o sadismo-masoquismo, sendo as etapas as seguintes:

- a) O olhar é inicialmente dirigido para o corpo próprio;
- b) Olhar dirige-se para um objeto estranho (outro);
- c) Abandona o objeto e volta-se novamente para o próprio corpo, ao mesmo tempo em que se coloca de maneira passiva;
- d) Coloca-se como objeto para ser olhado por um novo sujeito (*ein neues Subjekt*).

Dessa forma, o momento inicial seria aquele em que o objeto para o qual se dirige o olhar do sujeito é autoerótico, ou seja, é uma parte do corpo próprio. Neste estágio, como destaca Scheinkman (1995) já estão presentes os dois polos, atividade (olhar um objeto) e passividade (ser olhado, mesmo que por ele mesmo).

Esse é o estágio que diferenciaria o desenvolvimento da pulsão escópica das outras pulsões, que se iniciam sempre voltadas para o outro, sendo a partir daí seus percursos os mesmos. Por um processo de semelhança da parte de seu corpo com a parte do corpo do outro, ele passa então a dirigir o olhar, ou seja, seu

investimento, ao corpo do semelhante, agora ativamente, para posteriormente desistir deste objeto e voltar-se novamente para o corpo próprio, colocando-se de maneira passiva. No último tempo, a meta passiva de ser olhado por um outro sujeito, como destaca Lacan (1964/2008), converge com uma outra ativa, pois trata-se de *se fazer ver*, ou seja, ativamente procurar pelo olhar do outro, havendo então sua introdução definitivamente no circuito pulsional.

Lacan (1964/2008) então destaca o dito de Freud a respeito do terceiro momento da pulsão, quando há o retorno do investimento para a própria pessoa, mas enquanto objeto de um outro sujeito que executa a ação referente a pulsão. Ele diz:

É preciso bem distinguir a volta em circuito de uma pulsão do que aparece – mas também *por não aparecer*, - num terceiro tempo. Isto é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim- não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular. É somente com a aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão. (p. 175)

Isso quer dizer que Lacan toma o dito freudiano a partir da lógica da inclusão do outro/Outro enquanto aquele que faz surgir o sujeito da pulsão porque o reconhece como tal quando lhe dirige o olhar. Neste momento, o sujeito que surge não é somente o sujeito da ação pulsional, ou seja, aquele que atormenta ou que olha, mas quando cumpre esta função faz surgir como sujeito pulsional aquele que está se colocando ativamente em posição de objeto.

Como lembra Catão (2009), é somente com o fechamento do circuito pulsional que a operação do recalque originário e a fundação do inconsciente podem se consolidar. Isso, no entanto, está na dependência da construção narcísica da imagem do eu no campo escópico, algo a que Lacan se dedicará.

Freud (1914), em seu texto *Introdução ao Narcisismo*, deixa claro que o eu não é algo que se encontre constituído *a priori*, necessitando de uma nova ação psíquica que faça constituir-se o narcisismo e a organização pulsional em oposição ao anterior estado anárquico em que se encontravam. Lacan (1953-1954/2009) vai dizer que esta nova ação psíquica é exatamente aquilo que ele propõe como o estágio do espelho, algo que concerne essencialmente ao olhar enquanto fundador do eu. Este momento, que aconteceria entre os seis e os dezoito meses, é definido por Lacan (1960/1998)

[...] no gesto pelo qual a criança, diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo *ela já estava*. (p. 685)

Lacan esquematiza este momento a partir de um esquema de espelhos que, simplificado por ele da maneira abaixo no *Seminário X* (1962-1963/ 2005), torna mais apreensível o entendimento das consequências deste momento para o bebê.

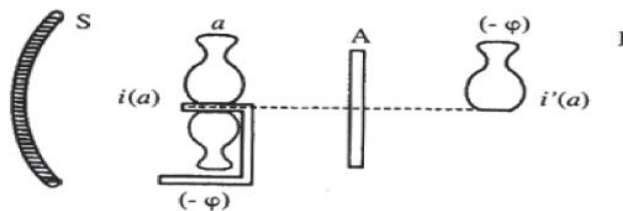


Figura 2: Esquema óptico simplificado. *Seminário X* (1962-1963/2005), (p. 105).

Neste esquema vemos uma imagem real $i(a)$ que é produzida no espelho esférico a partir do vaso em sua posição original (dentro do caixote, na parte de baixo) e que se relacionaria com a imagem do corpo real do bebê reproduzida no espelho. Já no espelho plano perfila-se uma imagem virtual, $i'(a)$, que reflete a imagem do espelho esférico e que permite que se tenha a ilusão de que o vaso está em cima da superfície, e não embaixo como é a realidade. No entanto, para que esta ilusão se dê, é necessário que o olho que olha se localize em um determinado local. Esta imagem ilusória Lacan relaciona com a imagem libidinizada do corpo do bebê que este encontra no olhar do Outro. É por isso que este espelho plano é colocado por Lacan como o Outro (A) que valida a imagem do bebê, confirmando que é dele que se trata, quando este o solicita com o olhar.

A imagem com a qual o bebê encontra-se, portanto, não é com a imagem real, mas com a virtual, ou seja, com essa imagem que é refletida pelo espelho do Outro e que carrega consigo seu investimento. Segundo Soler (2012) a relação especular não é uma relação à forma real, mas com uma forma libidinizada, investida por esse Outro que permite que a imagem torne-se visível. É esse investimento do Outro, portanto, que faz com que o bebê volte-se para esta imagem, fascinando-se e identificando-se com ela, pois encontra no Outro a confirmação do júbilo que necessita.

Esta imagem libidinizada que é percebida pelo bebê lhe proporciona uma ilusão de domínio sobre seu corpo e seus movimentos que ele de fato ainda não tem, além de ser uma imagem gestáltica, ou seja, uma imagem com características de uma totalidade, unificada. Lacan (1949- 1998) descreve isso da seguinte maneira:

[...] o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica- e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. O rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do *eu*. (p. 100)

Este momento tem efeitos na organização pulsional no sentido de uma unificação, quando até o momento se constituía de maneira anárquica. Isso torna possível uma organização motora a partir dessa ilusão de controle de seu corpo que o bebê tem quando se encontra com sua imagem gestáltica (Lacan, 1960/ 1998). Assim, a relação do sujeito com a sua imagem é sempre a partir do espelho do Outro, do seu olhar, olhar este que tenta enganá-lo a respeito daquilo que lhe falta, lhe fornecendo uma imagem unificada, de dominação dos movimentos e idealizada, que difere em essência do real do corpo ainda anárquico em suas pulsões e descoordenado em seus movimentos.

De acordo com Lacan (1960/1998) o investimento que o bebê faz nesta imagem libidinizada é o que Freud chama de narcisismo primário, que dá origem ao [eu] ideal e que possibilitará as identificações secundárias e a construção do ideal do eu. Em seu *Seminário X* (1962-1963/2005), Lacan explicita, no entanto, que este investimento libidinal não está no campo do visível na imagem, não podendo ser visto apesar de fazer parte do imaginário. Como destaca Soler (2012), a relação especular é isso que é “*í*” da imagem real, + *a*, sendo *a* esta quota de investimento libidinal da imagem que não se pode ver nem na imagem real, nem na imagem virtual. Esse *a* é o que retorna no campo do Outro que faz com que o objeto lhe seja interessante, digno de investimento.

Portanto, é a libidinização que o olhar do Outro promove da imagem do bebê que faz com que este se volte para algo que lhe é exterior, ou seja, sua imagem no espelho, investindo-a. No entanto, o *a* não é capaz de cativar para a imagem todo o

investimento libidinal que antes estava no corpo próprio, no ser, restando lá investido uma reserva dessa libido que funciona como uma reserva operatória. A essa reserva Lacan (1962-1963/2005) chama então de $-\phi$ ou falo.

Lacan enuncia que $-\phi$ indica

[...] uma relação com a reserva libidinal, ou seja, com esse algo que não se projeta, não se investe no nível da imagem especular, que é irreduzível a ela, em razão de permanecer profundamente investido no nível do próprio corpo, do narcisismo primário, daquilo a que chamamos autoerotismo, de um gozo autista". (p. 55)

Esta falta na imagem, esta descompletude, Lacan (1962-1963/2005) entende como a castração imaginária. Lacan nos diz em seu *Seminário XI* (1964/ 2008) que a esquizofrenia entre o olho e o olhar é onde se manifesta a pulsão no nível escópico. Além disso, afirma:

Em nossa relação às coisas, tal como constituída pela via da visão e ordenada nas figuras da representação, algo escorrega, passa, se transmite, de piso para piso, para ser sempre nisso em certo grau elidido – é isso que se chama o olhar. (p. 76)

Mas o que é que não é possível ser visto? Em seu texto *Concepção Psicanalítica do Transtorno Psicogênico da Visão* (1910), Freud nos explica o sintoma histérico da cegueira nos termos de uma punição do Eu, como o castigo de Talião da mitologia, que nada mais pode enxergar desde que aquilo que não podia ser visto o foi.

Da mesma forma, no texto *A Cabeça da Medusa* (1922/ 2011), em que novamente vemos um horror a algo que não pode ser encarado. Freud relaciona a cabeça decapitada de medusa com a genitália feminina e, portanto, com a castração. O horror que o encontro com a cabeça da medusa causaria, ou seja, com a castração, petrificaria. Lacan (1962-1963/2005) parece retomar estas ideias em seu *Seminário X* para falar da angústia, colocando $-\phi$ como operador desta falta, ou seja, o falo, mas descolando-o, no entanto, da imagem feminina como aquela que traz consigo a falta, estando ela ligada tanto ao campo do masculino quanto ao campo do feminino.

É só por sermos então marcados por essa falta que podemos ser sujeitos desejantes. Desejamos, no entanto, que estes objetos sejam semelhantes àquele que foi perdido, mas nunca aquele mesmo, o próprio, mesmo porque isso se configura como algo da ordem da impossibilidade. Quando algo surge que preenche

esta falta no lugar do $-\phi$, quando algo é visto no lugar onde deveria estar o vazio, é que surge a angústia (Lacan, 1962-1963/2005).

O olhar é colocado por Lacan (1964/2008) como objeto *a* da pulsão escópica, deixando claro assim a diferença que traça entre aquilo que é da ordem da visão daquilo que denomina o olhar, pois a pulsão, não é com o que é visto que ela se satisfaz, é contornando o próprio olhar que ativamente o sujeito fisga do Outro. O objeto *a* é justamente aquilo que necessita ficar fora do campo da imagem, do visível, para permanecer enquanto sustentação do desejo.

Scheinkman (1995) destaca que é no momento em que o último tempo da pulsão acontece que algo daquilo que era puro gozo do sujeito se perde pela introdução do Outro no circuito. Isso instaura uma cava, um vazio, que o sujeito tenta preencher pela subtração do olhar desse Outro se tornando, então, este o objeto da pulsão.

O olhar, ao contrário, engana aquilo que é da visão. É isso o que Lacan (1964/ 2008) deixa claro quando afirma que a pulsão escópica é aquela que melhor serve a elisão da castração. Na medida em que é reduzido a uma função evanescente de mancha, é o que deixa o sujeito na ignorância daquilo que está para além do visível, ou seja, o $-\phi$ enquanto falta. Assim, podemos entender que o olhar do Outro é aquilo que deixa o bebê na ignorância do Real de seu corpo, na ignorância de sua condição de furado. É exatamente por proteger o sujeito do encontro com a sua falta que a imagem atinge a condição de sustentar para o sujeito o valor do desejo, que se instaura enquanto projeção, função do imaginário (Lacan, 1960/1998).

Este olhar que reconhece o sujeito como tal o aliena na imagem falaciosa que produz e que faz Lacan colocar o eu como fundamentalmente fruto de um engodo, é o triunfo do olhar sobre o olho. Ele nos diz, então:

[...] a relação do olhar com o que queremos ver é uma relação de logro. O sujeito se apresenta como o que ele não é e o que se dá para ver não é o que ele quer ver. É por isso que o olho pode funcionar como objeto *a*, quer dizer, no nível da falta ($-\phi$). (1964, p. 105)

É por isso que Quinet (1997) afirma que o olhar nos dá a distinção entre o que é da ordem do imaginário daquilo que é da ordem do Real, onde a pulsão se manifesta. Lacan (1964- 2008) nos diz que, assim como a pulsão escópica, a pulsão

invocante relaciona-se fundamentalmente ao desejo do Outro. Veremos agora o que ele propõe para a pulsão invocante.

1.2 Apontamentos sobre a pulsão invocante

É fato consumado que o bebê ouve/escuta muito antes de poder falar. Estudos realizados com bebês em situação intrauterina e logo após o nascimento já mostram sua grande sensibilidade ao som da voz materna. Nesse sentido, a voz pode ser entendida em anterioridade lógica em relação ao olhar na constituição do sujeito (Catão, 2009).

Apesar de Lacan ter proposto a voz como objeto *a*, ou seja, como um dos objetos privilegiados que a pulsão circunda no campo do Outro, sobre a pulsão invocante muito pouco vemos Lacan desenvolver ao longo de seu ensino, nos restando, portanto, apenas apontamentos. No entendimento de Catão (2009), para Freud e Lacan a articulação entre corpo e linguagem se daria pela pulsão invocante, e por isso a autora afirma que, antes do alimento, as crianças alimentam-se de voz.

Seguindo as indicações de Freud a respeito dos tempos pulsionais, a autora propõe que, quando se trata da pulsão invocante, as etapas seriam as seguintes:

- a) Tempo de ouvir o chamamento do outro, ou seja, investindo na voz do Outro como invocação.
- b) Tempo de se ouvir através da voz do outro, que lhe devolve sua mensagem, aquela contida no grito, sob a forma invertida, nas palavras de Lacan.
- c) Surge um novo sujeito, este outro para quem o *infans* tentará se fazer ouvir (Catão, 2009).

No entanto, é comum percebermos que no início da vida de um bebê, tempo em que estas etapas do circuito pulsional deveriam se concluir, a fala daqueles que se dirigem a ele é composta por algumas particulares que a diferenciam da fala entre os adultos.

Catão (2009) destaca que estudos como os de A. Fernald, psicolinguista, apontam para a existência de uma fala particular da mãe quando se dirige ao seu bebê, fala esta que se reflete imediatamente em sua apetência. Esse tipo de fala é

chamado de “*motherese*” ou “manhês” e se caracteriza principalmente pelos picos prosódicos que fazem a criança imediatamente atentar-se à fala do Outro.

Segundo a autora (2009, p. 163), o “manhês” segue as seguintes características:

- *Características sintáticas*: frases curtas e independentes, paradas durante o enunciado, repetição;
- *Características lexicais*: simplificação morfológica, reduplicação, multifuncionalidade das palavras;
- *Características prosódicas*: tom de voz alto e bastante agudo, entonação exagerada, velocidade de emissão mais lenta, silabação, alongamento de vogais.

Assim, podemos pensar que a fala da mãe é adaptada àquilo que o bebê parece ser mais sensível a ouvir, ou seja, ao ritmo e a entonação da voz do Outro.

Silverman (citado em Ragland, 1997) escreve:

A mãe é a primeira professora de linguagem, comentarista e contadora de estórias – aquela que em primeiro lugar organiza o mundo, linguisticamente, para a criança, e a primeira a apresentá-la ao Outro.[...] Finalmente ela (a voz materna) provê o espelho acústico em que a criança se ouve pela primeira vez. (p. 206)

Se, para Lacan, o objeto *a* é aquilo que não pode ser encontrado em sua materialidade, o objeto da pulsão invocante não é o som, e sim, algo daquilo que não se pode ouvir efetivamente, mas que está ali. Assim como a visão difere do olhar, como Lacan (1964- 2008) deixa claro em seu *Seminário XI*, a voz difere do som emitido a partir da fala. É esse *a* mais que cativaria o bebê logo de cara. Mas o que seria, exatamente, este *a* mais? Em seu *Seminário X*, Lacan (1962-1963/ 2005) lembra que para que um som possa ser ouvido é necessário que ressoe em um vazio. Para ele, a voz ressoa em um vazio, mas não em qualquer vazio. É o vazio do Outro que ela precisa encontrar para se fazer ouvir. Assim, é o desejo do Outro que ela faz escutar, desejo que deflagra a condição de castrado, de faltoso desse Outro.

Lacan utiliza para falar sobre este ponto o exemplo do chofar, instrumento de sopro feito com um chifre que produz um som parecido com o mugido de um bovino. A esse som ele relaciona o gemido do pai da horda abatido no mito do Totem, e que

é recordado enquanto símbolo do proibido, ou seja, da castração, toda vez que é tocado.

Ferreira (2010) nos lembra que para Saussure, a língua é composta por elementos em seu sistema que se opõem entre si e que por isso podem ser relacionados para gerar uma coerência gramatical. Neste sistema de linguagem, nenhum elemento falta. Aquilo que está fora deste sistema gramatical, ou seja, que é agramatical é incorreto e, por isso, proibido.

Lacan (1972-1973/2008) destaca isso em seu “Seminário XX” dizendo

Há relação de ser que não se pode saber. É dele então, em meu ensino, que interrogo a estrutura, no que esse saber – acabei de dizer isto- impossível é, por isso, proibido. É aqui que jogo com o equívoco – esse saber impossível é censurado, proibido, mas não o é de vocês escreverem convenientemente o *inter-dito*, ele é dito entre palavras, entre linhas (p. 127)

O saber, portanto, é um enigma, saber este que está na essência do inconsciente. Este enigma é o que o sujeito tentará dar conta através da linguagem e que se relaciona com a questão fundamental sobre o que o Outro deseja de mim. A linguagem, portanto, não serve em nenhuma medida para a comunicação, mas para articular aquilo que é do ser, ou seja, do gozo e da falta.

Lalangue é como Lacan (1972-1973/ 2008) denomina este lugar do impossível de ser dito, do enigma da lalangue materna que marca o sujeito e que está muito além daquilo que o falante enuncia.

Não é do conteúdo do que é dito e nem do diálogo que se poderia estabelecer em lalangue, mas de algo que ela comporta e que é do enigma, do não dito, do impossível de ser apreendido. A língua materna é justamente o que está fora dos padrões da língua formal, ou seja, é a fora dalei da gramática.

Já que proibir o impossível não quer dizer que ele deixe de existir, Ferreira (2010) defende que a mulher-mãe, com seu “manhês”, tem o projeto de levar adiante este impossível. Isso seria favorecido naquele que se encontra no lugar de não toda, pois assim conseguiria debruçar-se sobre o filho objeto pequeno *a*, objeto de seu desejo.

O “manhês” é diferente porque nele a mãe intenta justamente esconder do bebê a realidade da castração, ou seja, tenta, pela voz fascinante, esconder a

realidade da linguagem de não dizer tudo. Mas para que possa produzi-lo, é necessário que essa mãe reconheça e sustente esta condição.

Em seu Seminário V, Lacan trabalha sobre o *Witz* freudiano dizendo que o que o faz ser *trait d'esprit*, tirada espirituosa, é o Outro que homologa a mensagem que recebe ao transformar aquilo que era pouco-sentido, ou seja, ambíguo e equívoco, em passo-de-sentido, lhe constituindo assim um sentido.

O que homologa esta mensagem é o espanto e o gozo do Outro. Laznik (2004) propõe que este terceiro que faz o papel de ler no pouco-sentido um passo-de-sentido pode ser relacionado com a função materna de ler, inicialmente no grito e posteriormente no balbucio da criança, demandas e esboços de palavras e de uma tentativa de dizer algo a ela. A mãe supõe um sujeito de linguagem onde ainda há somente rudimentos deste. Além disso, o bebê encontra na prosódia da voz materna a surpresa, o espanto e o gozo, o mesmo que o Outro vivencia quando ouve o chiste e que neste caso funcionam como marcas que enunciam o desejo materno e a fazem colocar-se como objeto causa de desejo dessa mãe.

Portanto, há algo do desejo do Outro contido nessa falação materna e que encanta a criança, e lhes faz entrar em uma protoconversaçoão na qual o bebê, posteriormente, tentará responder a demanda deste Outro pelos balbucios e tentativas de fala. O sentido pode ser abdicado pelos dois na medida em que, como destaca Lacan (1972-1973/2008), o gozo é o sentido. Gozo, no entanto, que não pode incorrer no risco de ser ensurdecedor.

Esta protoconversaçoão impõe à mãe que reserve intervalos em sua fala dirigida ao bebê, pausa de quem espera uma resposta, ou seja, de quem supõe um sujeito de linguagem capaz de lhe falar quando ele ainda não existe (Catão, 2009).

Nos intervalos deixados por ela no pseudodiálogo a mulher encontra-se com o vazio do silêncio do filho, que não pode lhe responder do lugar do objeto que dá fim a sua condição de castrada e a fará buscar em outras fontes as respostas para a sua falta, permitindo-a abandonar o “manhês” (Ferreira, 2010).

No entanto, até que esta mãe possa abandonar o “manhês” e a necessidade de falar pelo filho, este bebê permanece por longo tempo em estado de sujeição à

palavra do Outro, que lhe devolve sua mensagem de maneira invertida a partir de sua suposição.

Portanto, a voz da sereia proposta por Laznik (2004), é o que comanda o olhar do *infans* em direção a fonte da voz que lhe invoca. É, assim como o olhar do outro no momento especular, aquilo que esconde a realidade da castração para o bebê. Assim, entrelaçam-se pulsão invocante e pulsão escópica.

CAPÍTULO 2

CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: O QUE FALHA NO AUTISMO?

2.1 O sujeito e o Outro

Pois bem, dirá Lacan (1962-1963/ 2005), “só há aparecimento concebível de um sujeito como tal a partir da introdução primária de um significante e do significante mais simples, aquele que é chamado de traço unário” (p. 31). Mas de que sujeito se está tratando aqui? Em seu texto *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo* (1960/1998), Lacan deixará claro algo que já vinha apontando há muito como a subversão do conceito de sujeito do cogito cartesiano feita por Freud. Quando fala de sujeito, portanto, a psicanálise não fala de um sujeito da razão, indivisível em si mesmo, mas sim, de um sujeito do inconsciente.

Logo em seu segundo seminário, denominado *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* Lacan (1954-1955/2010) define o sujeito como algo de incorpóreo dizendo que o sujeito é ninguém, ele é em essência despedaçado e decomposto, que encontrará sua unidade na imagem do Outro que lhe engana e por isso lhe aspira.

Ele é, portanto, diferente daquilo que enuncia ser. Para marcar esta distinção, ele propõe a divisão do sujeito em *je* e *moi*, duas formas gramaticais na língua francesa para aquele que fala referir-se a si mesmo, ou seja, ao que se denomina eu. Porém, para Lacan existe uma diferença radical entre *je* ou *moi*.

Aquilo que se chama *je* para Lacan demarcaria um não saber essencial do sujeito a respeito de si mesmo, algo que ficaria sempre elidido do enunciado e só poderia aparecer num lapso, no sonho ou no chiste, lugares em que Freud deixou marcado nosso encontro com o inconsciente. É o significante que lhe representa para outros significantes e que o sujeito nunca poderá chegar a dizer. O *moi*, por sua vez, designaria exatamente aquilo que é possível dizer de si mesmo, e que, no

entanto, não passa de um engano, da falácia produzida pelo olhar do Outro que faz com que o sujeito acredite na unidade da imagem que encontra e que se compõe pelas camadas de identificações. O *je*, portanto, é o sujeito do inconsciente, já o *moi* é o eu enquanto imaginário resultado do momento especular.

Esta incapacidade do sujeito do inconsciente de significar a si mesmo fica claro neste dito de Lacan (1960/ 1998)

Qual seja, a maneira certa de responder à pergunta “Quem está falando?” quando se trata do sujeito do inconsciente. Pois a resposta não poderia provir dele, se ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando, como nos ensina a experiência inteira da análise. (p. 815)

Se para Lacan o inconsciente freudiano se define por uma cadeia significativa forjada pelo discurso do Outro, este sujeito só poderia ser aquele marcado em essência pela linguagem enquanto possibilidade de gozo e de engendramento do Real. Esse grande Outro que marca o sujeito com seu discurso, ou seja, com o discurso de seu próprio inconsciente, é também chamado por Lacan de tesouro dos significantes, lugar de todos os significantes. Esta marca não está presente a priori na constituição de um bebê, necessitando ser garantida por um ato.

Percebemos, portanto, que ao mesmo tempo em que este Outro se define por um lugar etéreo, tem também uma função que é de ato, ou seja, há uma ação que necessita ser feita por esse Outro para que este sujeito advenha enquanto significante. Desta forma, só podemos entender que este Outro é um lugar de depósito dos significantes, que, porém, necessita ser encarnado por um outro falante, um outro humano semelhante que exerça esta função.

Há, portanto, aquele que é o semelhante, encarnado normalmente no personagem materno e identificado por Lacan em seu ensino como pequeno outro, que serve como representante deste grande Outro para o bebê. A esse Outro encarnado Lacan (1963-1963/ 2005) chama de Outro real, enquanto aquele do lugar dos significantes é um Outro simbólico, é a linguagem em sua essência. Os dois encontram-se na figura do Outro primordial.

Um bebê, antes mesmo do nascimento é um bebê falado e inserido no campo simbólico e imaginário dos pais. Lacan (1960/1998) afirma que o bebê é, antes mesmo de seu nascimento, um polo de atributos, ou seja, lhe são atribuídos significantes que dizem dele antes mesmo de ter vindo ao mundo. Dessa forma,

este ser é falado antes de ser falante, é ser de linguagem antes mesmo de poder ser sujeito de linguagem.

Como lembra Crespim (2004) filhotes de animais de outras espécies nascem com instintos que regulam sua relação com o real e permitem que estas sejam programadas a partir de um sistema de signos que, apesar de cumprirem a função de comunicação não fazem parte de um sistema de pensamento, ou seja, de um sistema significante.

Já o bebê humano, como já destacou Freud em seu *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895/ 1996), nasce desprovido de tais instintos, o que faz com que sua relação com o real necessite ser pensada a cada novo momento. Sua condição, portanto, por longo período após o nascimento é de desamparo e incapacidade de realizar as ações básicas necessárias à sua sobrevivência, estando, então, completamente dependente de “ajuda alheia”, ou seja, de um outro humano experiente, um “*próximo assegurador*” (*Nebennmensch*) que se ocupe de provê-lo em suas necessidades e de realizar a função de fazer advir um sujeito.

Freud nos diz desses primeiros momentos de necessidade do bebê apontando que quando uma estimulação endógena é percebida pelo sistema psíquico como uma necessidade, logo se produzem alterações internas que geram o grito e os movimentos do corpo na tentativa de eliminar tal tensão. No entanto, como já foi destacado, nenhuma alteração interna pode eliminar a estimulação, que permanece, então, de forma contínua e crescente, sendo percebida pelo sistema como desprazer. É necessário, portanto, que uma alteração no ambiente externo se faça para que esta excitação desprazerosa seja eliminada.

Araújo (2009) nos lembra que o grito corresponderia ao primeiro movimento do bebê em direção a constituição de um sujeito, seria o corte que é efetuado pelo lado do *infans* que cumpre a função de inscrição desse sujeito na linguagem ao instaurar ali uma relação de dependência. No entanto, esse grito estaria aquém da linguagem, pois não possuiria nenhuma dicotomia em relação a outro significante, ou seja, não possuiria diferenciação de nenhum S2 possível. Quem promoveria a ligação do grito com um significante possível, ou seja, com a linguagem, seria o outro que o interpreta segundo seu desejo.

É aí então que entra este Outro primordial, mais comumente a mãe, que tem, como define Crespim (2004), um lugar atributivo, ou seja, quando seu bebê grita, a mãe encara este grito como um apelo, um pedido pela sua presença, e lhe atribui um conteúdo supondo o que ele lhe demanda a partir de seus próprios conteúdos conscientes e inconscientes. Para isso, esta mãe tem que se tomar daquilo que Winnicott chama de uma “loucura necessária das mães”, que significa tomar seu bebê como parte de si mesma por um tempo para que a leitura de suas necessidades possa ser feita de maneira a que sobreviva orgânica e psiquicamente.

Este pequeno outro, no entanto, representa o seu próprio grande Outro, ou seja, a forma como foi marcado pelo seu Outro primordial. É então a sua versão do Outro, do outro que lhe maternou, que ele passa ao sujeito que faz nascer (Crespim, 2004).

Esta ação atributiva da mãe faz com que aquilo que era manifestado pelo bebê como algo da ordem da pura necessidade se encontre com a linguagem, ou seja, com o sistema simbólico da mãe, transformando necessidade em demanda. Assim, o corpo do sujeito é marcado pela linguagem, porque aquilo que era necessidade carrega agora a marca da interpretação do Outro. Esta ação atributiva da mãe carrega consigo o destino de uma alienação do sujeito a esses significantes maternos que lhe são impostos. Um destes significantes é aquele que o sujeito buscará para lhe representar. De acordo Lacan (1964/2008) o significante é um traço, porém, um traço apagado, e distingue-se do signo porque este último representa alguma coisa para alguém, enquanto o significante representa um sujeito para outro significante. A esse processo de marcação e apagamento do traço Lacan denomina de alienação e separação.

Quando fala de alienação e separação, como fica claro no título das lições de seu *Seminário XI* (1964/2008) nas quais Lacan se dedica a estes dois temas, ele está falando fundamentalmente da relação entre o Outro e o sujeito em sua constituição.

Lacan (1964/2008) nos diz que “O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo o que vai poder se presentificar do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (p. 200). Portanto, como já foi abordado, o Outro é aquele que porta o significante que constituirá o sujeito. Já

nessa definição temos posto a alienação do sujeito em relação ao Outro, pois é somente no lugar desse Outro que aquele pode advir enquanto tal. Como destaca Soler (1997), antes de surgir o significante, não existe nada, apenas um ser vivo.

Significante mestre é como Lacan () denomina esse significante que o ser capturará do campo do Outro e com o qual se identificará. No momento em que ocorre esta identificação com um significante, o sujeito é representado por ele para outro significante. Éric Laurent (1997) nos esclarece a esse respeito dizendo que

[...] um “menino mau” é representado como “um menino mau” em relação ao ideal de sua mãe. Logo, “menino mau” (ou qualquer outra identificação que serviu, num tempo, como significante-mestre) funciona para o sujeito como uma linha mestra durante toda a vida deste. (p. 38)

No processo de alienação trata-se, como destaca Lacan (1964/2008), de uma escolha forçada, pois é necessário que o ser escolha entre deixar-se capturar pelo significante e assim ser petrificado por ele sob a promessa de existir enquanto sujeito, ou seja, deixar-se alienar, ou permanecer fora do campo da linguagem, indeterminado na cadeia significante e impossibilitado de qualquer deslizamento. Escolher a petrificação é a condição do ser falante.

Lacan colhe estas ideias das formulações de Hegel a respeito da liberdade de escolha, dizendo: “*A liberdade ou a vida!* Se ele escolhe a liberdade, pronto, ele perde as duas imediatamente – se ele escolhe a vida, tem a vida amputada da liberdade” (Lacan, 1964/2008 p. 207). Ele afirma em seguida que há sempre algo de letal nessa escolha.

Em seu *Seminário X* Lacan (1962-1963/2005) afirma que ao se identificar com um significante algo do ser se perde pra surgir o sujeito. É isso que ele deixa claro com o esquema da divisão subjetiva, em que inicialmente estão o ser, representado pelo S e o Outro, representado pelo A, os dois ainda sem barra.

A partir da instituição do significante, o sujeito e o Outro ganham barras, ou seja, perdem algo do seu gozo primordial por estarem os dois marcados pela linguagem, ficando, então S e A barrados. No entanto, do lado do sujeito algo resta deste ser que não colou no significante mestre, que Lacan coloca como *a*, que é o que retornará no lugar do Outro como apetência. Sobre esse *a* Lacan dirá “Esse

resto, esse Outro derradeiro, esse irracional, essa prova e garantia única, afinal, da alteridade do Outro, é o *a*". (p. 36)

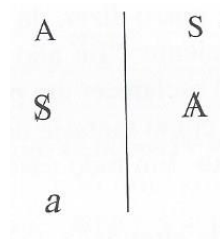


Figura 3: Primeiro esquema da divisão subjetiva utilizado por Lacan em seu Seminário X (1962-1963/2005 p. 36).

Aceitar esse significante como aquele que lhe define, ou seja, alienar-se para adentrar o campo simbólico, significa para o sujeito uma *afirmação primordial (Bejahung)*. Catão (2009) nos diz que a afirmação é a aceitação da alienação e a condição para que o bebê prossiga em direção a organização do eu e ao estabelecimento do sujeito do inconsciente.

Mas aceitar que esse significante lhe concerne, ou seja, dizer “isso sou eu”, significa dizer que todo o resto, todos os outros significantes não lhe concernem “isso não sou eu”. Essa aceitação contém em si mesma, no entanto, uma primeira expulsão (*Ausstossung*), ficando uma parte do ser irreduzível ao significante, fora do simbólico.

Esse movimento de introjeção e expulsão faz borda no corpo, permitindo o estabelecimento de um dentro e um fora do sujeito. O sujeito não pode ser todo simbolizado pelo significante do campo do Outro, porque esse Outro também é barrado, é não-todo.

Esta condição de faltoso, de não-todo do Outro é percebido pela criança nas falhas do discurso deste, desde as interpretações falhas da mãe às necessidades do bebê, até os inúmeros *por que?* da criança que tenta compreender o que está por trás daquilo que o outro lhe diz. O que está por trás diz respeito ao desejo desse Outro. Ele questiona-se, portanto, sobre o que o Outro deseja dele. São essas falhas do Outro que permitem ao sujeito separar-se, sendo, então, o segundo processo fundamental da constituição do sujeito a separação (Lacan, 1964/2008).

Catão (2009) destaca que somente se houver separação existirão as condições para que o sujeito seja representado por esse significante para outro significante, é a condição da ligação do S1 com os S2 posteriores. Apaga-se, assim, o traço primeiro, ele se perde para que a ligação com os S2 possa dar-se.

Este é o processo esperado para o sujeito neurótico, que se constitui no campo do Outro para posteriormente negá-lo, desconhecer-se em seu significante e assim deslizar na cadeia. Para o psicótico, a alienação ao significante do campo do Outro é um destino sem saída.

O que permite a essa criança e a sua mãe separarem-se é a encarnação da Lei no desejo materno, função essa do pai na estrutura familiar. É esse pai quem vem chamar a mãe para seu lugar de mulher, desejada por um homem, permitindo assim que esta não se restrinja ao lugar de mãe e que o bebê possa sair do lugar de objeto materno.

É isso o que Lacan deixa claro em sua Nota sobre a criança (1969/ 2003) quando diz

A distância entre a identificação com o ideal do eu e o papel assumido pelo desejo da mãe, quando não tem mediação (aquela que é normalmente assegurada pela função do pai), deixa a criança exposta a todas as capturas fantasísticas. Ela se torna o “objeto” da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto. (p. 369)

Essa função paterna é o que Lacan denomina de Nome-do-Pai e que vem barrar o gozo materno em relação à criança em um tempo de alienação.

Assim, temos posto os quatro eixos da constituição do sujeito, quais sejam, a suposição do sujeito, estabelecimento da demanda, alternância presença/ausência e função paterna (Kupfer et. al., 2009). Quando um destes falha temos a possibilidade de nos encontrarmos com crianças com risco em seu desenvolvimento psíquico.

No primeiro eixo, suposição do sujeito, temos a antecipação que a mãe faz de que no bebê existe um sujeito psíquico que é justamente o que permite que este advenha. Isso causa prazer ao bebê que encontra na mãe uma manifestação jubilatória pela sua presença através do “manhês”.

No segundo eixo, estabelecimento da demanda, constitui-se a leitura da mãe das reações ainda reflexas do bebê como uma mensagem deste endereçada a ela, que a entende como uma solicitação da sua presença, constituindo-se, assim, uma demanda de amor.

A presença/ausência marcará esta alternância necessária para que o bebê alucine o Outro primordial na ausência deste e constitua um dispositivo subjetivo para sua simbolização. Isso permite que o sistema psíquico se complexifique. Nenhum dos dois registros pode ficar como excessivamente prevalente sob pena de risco para o desenvolvimento psíquico do bebê.

Finalmente, a função paterna é o que incidirá sob esta relação antes dual, impondo um terceiro que permite a separação e a transmissão para essa criança dos parâmetros culturais que balizam o gozo de todos que se propõem ao laço social.

Na psicose, parece que algo dessa alternância presença/ausência e da função paterna falha que não permite essa separação que garante a entrada na neurose. E no autismo, o que se daria? Como poderíamos entender a constituição do sujeito no autismo? É o que discutiremos mais especificamente agora.

2.2 O Outro da psicose e o Outro do autismo – como responde o bebê?

Em sua “Conferência em Genebra sobre o sintoma” (1975/1998), ao responder algumas questões sobre o autismo e a sua aparente dificuldade em aceitarem a inscrição simbólica vinda do Outro, Lacan define sua problemática, assim como a do esquizofrênico enquanto um congelamento, algo que ele, logo em seguida, definirá como uma espécie de fixação, assim como aconteceria na esquizofrenia.

Alguns teóricos da psicanálise como Freire (2002) e Zenoni (1991), baseando-se neste apontamento de Lacan, afirmam que o autismo estaria dentro do campo das psicoses, relacionando-se, portanto, a uma forclusão, ou exclusão precocíssima no caso do autismo, do Nome-do-Pai enquanto mecanismo de defesa que a caracteriza.

Sobre essa forclusão primordial, Lacan (1955-1956/ 1997) diz

De que se trata quando falo de *Verwerfung*? Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. [...] um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante. (p. 171)

No entanto, poderíamos também compreender tal proposição de Lacan como um reconhecimento de que, nos dois casos, tanto na psicose quanto no autismo, haveria algo que se congela, mas isso não quer dizer que sejam da mesma ordem. Esta proposição tem estado presente fundamentalmente nos trabalhos de teóricos que se ocupam da clínica precoce com bebês com risco de autismo como, por exemplo, Marie-Christine Laznik (2010) e Maria Cristina M. Kupfer (1999). Tal congelamento, para estas autores, se daria em momentos distintos da constituição psíquica.

Para chegarmos a alguma compreensão disso que Lacan propõe como um congelamento é necessário adentrarmos o campo das psicoses para, assim, traçarmos os encontros e afastamentos em relação ao autismo.

Em seu texto *De uma questão preliminar a todo tratamento da psicose*, Lacan (1955-1956/1998) nos diz

É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere a psicose sua condição. (p. 582)

Lacan (O avesso) compara o desejo materno a boca de um crocodilo dentro da qual se localizaria o sujeito em seus primeiros tempos de vida e que, a qualquer momento pode se fechar, causando grandes estragos e prendendo-o para sempre. Assim, deixa claro que há algo desse gozo materno que necessita ser barrado, ou seja, algo precisa impedir que essa boca se feche. Para ele, o que garante ao sujeito se salvar dessa bocarra é o falo paterno, que, como um grande rolo de pedra impede a boca de se fechar sob o sujeito.

O filho ocupa um lugar de objeto de desejo para essa mãe, lugar de objeto a, o que permite a mãe “enlouquecer” sem perder completamente a sanidade, podendo deslocar-se desse lugar posteriormente. É o que Winnicott chama de “loucura necessária das mães”. Essa mãe só pode “enlouquecer” de amor por esse

filho e colocá-lo como substituto do falo porque é não-toda, ou seja, porque é marcada por uma falta, pelo $-\phi$ (Pinheiro e Freire, 2008).

No caso da psicose, no entanto, esse gozo materno, ou gozo do Outro primordial, não é barrado, e o filho passa a ocupar o lugar permanente do falo materno, e não em uma substituição temporária e sempre falha, como no caso da neurose. Assim, obtura na mãe sua falta e conseqüentemente impede que esta permaneça desejando. O que garante que o sujeito deseje é a permanência do objeto *a* enquanto inapreensível, enquanto localizável em todos os lugares exceto onde deveria estar, ou seja, no lugar do $-\phi$. Quando o filho vem ocupar o lugar do $-\phi$, ele não pode ocupar um lugar no desejo materno.

No entanto, quando Lacan (1962-1963/2008) fala dos dois processos constitutivos do sujeito, alienação e separação, deixa claro que algo deve ser feito também pelo próprio sujeito a advir para que a separação se dê de maneira satisfatória.

Como já vimos no capítulo anterior, o bebê neurótico se aliena no significante do Outro, para depois fazer um movimento de expulsão desse significante, deixando-o fora do campo simbólico. Essa expulsão cava um buraco no Outro, barra-o a partir da posição do sujeito de não se deixar falar todo por esse significante. “Há algo que esse Outro nunca poderá dizer de mim, há algo de mim que não se restringirá a esse significante que ele me deu”. Parece ser essa a posição do sujeito.

Freire (2002) destaca, portanto

Nessa perspectiva, há duas dimensões de alteridade que se recobrem na constituição do sujeito: primeiramente uma alteridade prévia constituinte e, dada pela estrutura *a priori* da linguagem. E secundariamente, trata-se de uma estrutura constituída, isto é, resposta do sujeito a partir desse Outro constituinte. Nesse segundo tempo, *a posteriori*, cabe ao sujeito construir o Outro, inventá-lo para que ele, o sujeito, possa se tornar desejante e responsável diante daquilo que lhe causou. (p. 85)

Assim, podemos dizer que para o psicótico, há o Outro *a priori* que, no entanto, não é confirmado enquanto barrado *a posteriori*. O sujeito não conseguiria inventar este Outro lhe dando uma resposta em direção à separação.

Lacan (1955-1956/1998) nos traz a ideia de que a realidade é o lugar tenente da fantasia, ou seja, é aquilo que encobre o Real, o desencontro eterno com o

objeto *a* para o sujeito. A relação com esta realidade precisa ser tecida pelo sujeito através de quatro eixos: da imagem do eu e das identificações do sujeito ao nível especular, que compõem o campo imaginário; pelo Ideal do Eu e pelo significante do Nome-do-Pai no lugar do Outro no campo simbólico.

Estes são os quatro vértices do quadrado que Lacan propõe como esquema R. É somente com a presença desses elementos que a realidade enquanto mediada pela fantasia pode constituir-se para o sujeito. Isso é o que Lacan aposta que acontece com a neurose, ou seja, o simbólico e o imaginário enlaçam o Real e o escamoteiam (Freire, 2002).

Para a psicose, por ocasião da forclusão do Nome-do-Pai, algo do entrelaçamento destes elementos e conseqüentemente dos três registros não pode se dar satisfatoriamente, ou seja, a fantasia não se estabelece enquanto mediadora do encontro com o objeto *a*, este retornando no Real e atormentando o sujeito permanentemente. Isso se daria porque o Real permanece desenlaçado, solto do nó borromeano (Freire, 2002).

A forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro faz com que este não sofra aquilo que Lacan denomina de “extração de gozo”, ou seja, que não haja a operação de separação. Assim, o Real desenlaçado retorna no corpo do sujeito que permanece lugar privilegiado de gozo do Outro, um gozo devastador porque não barrado (Freire, 2002).

Sendo a psicose marcada pelo inconsciente a céu aberto, e este sendo constituído essencialmente pela voz do Outro, assim como o eu é formado pela experiência do encontro com o olhar do outro, ponto que também falha na psicose, poderíamos pensar que aí encontraríamos um indicativo para a justificativa da sintomática psicótica marcada pelas alucinações auditivas e pelos delírios persecutórios de observação tão frequentes, além de serem as duas formas privilegiadas de invasão do Outro.

Esta seria possivelmente a característica que uniria o autismo e a psicose, um gozo do Outro que é sentido como intrusivo e devastador pelo bebê. Como forma de contenção desse Real que lhe invade, na ausência da fantasia, o sujeito psicótico recorre à construção delirante como forma de costurar a realidade. Já o

autista, barraria o Outro com a evitação ao outro. Assim, poderíamos pensar em termos de um Outro que não sustenta sua posição de desejo, mas a quem o sujeito autista e psicótico responderiam de maneiras diversas. É sobre isso que tentaremos refletir agora.

Este ponto de que no autismo não existiria extração de gozo, ou seja, que o Outro permanece todo, é defendido por Rosine Lefort (1983) em seu livro *O Nascimento do Outro*. Nesta obra, a autora narra o caso de duas meninas, Nadia e Marie-Françoise, que haviam sido atendidas por Rosine no Instituto Parent de Rosan que acolhia crianças abandonadas. Nadia era um caso de neurose e Marie-Françoise um caso que, para Rosine e os outros profissionais da instituição, estava entre a esquizofrenia e o autismo.

A autora descreve Marie-Françoise com sintomas muito típicos do que se costuma encontrar em crianças autistas, como, por exemplo, seu olhar errante, vazio e perdido, dando a impressão de um muro, ausência de contato com o outro, sua relação com os objetos é estereotipada, se dá somente pela ponta dos dedos e pelo nariz, ausência de fala, balanceio de corpo, explosões de cólera em que bate sua cabeça no chão e grita, escorrer de saliva e transtornos alimentares. Havia sido abandonada pela mãe aos dois meses e permanecido em creches até os dez meses, com histórico grande de internações hospitalares por motivos de adoecimentos físicos. No momento em que entra em tratamento com Rosine tem 30 meses (Lefort e Lefort, 1983).

Ela nos diz então que

- 1- Quando o Real não se articula, o pequeno sujeito é furado e o Outro não é, o que pode prefigurar que a castração do sujeito persiste irremediavelmente no Real.
- 2- Quando o Real e o significante se articulam, o corpo do pequeno sujeito se encontra preenchido pelos significantes do corpo do Outro, e o Outro é furado realmente. (Lefort e Lefort, 1983, p. 285)

A primeira forma é aquela que Rosine liga a condição do Outro para Marie-Françoise, aquele que é não furado. Assim, inicialmente o sujeito é enganado a respeito de sua condição de furado porque o furo do Outro faz com que este se engane a respeito da condição de faltoso do bebê, o alienando numa imagem sem furo. Portanto, quando Rosine Lefort (1983) diz que no autismo não há Outro,

estaria defendendo que não há Outro enquanto lugar da alteridade, enquanto simbólico, há somente um Outro Real. O autista, assim, estaria unicamente no Real.

Enquanto o Outro for furado, o sujeito se mantém seguramente tapado. Para que o sujeito nada saiba do furo de seu corpo, ou seja, esteja inteiramente fora do Real, é necessário que o significante do Nome-do-Pai pré-exista no lugar do Outro, como já destacou Lacan no esquema R, para que o simbólico e o imaginário possam enlaçá-lo.

Quanto a isso, Quinet (1997) destaca que a operação de entrada na linguagem tem como resultado a barra incidindo tanto sobre o sujeito, fazendo-se S barrado, quanto sobre o Outro, fazendo A barrado. No entanto, o sujeito é falta-a-ser, enquanto o Outro precisa ser, desde sempre, furado.

Rosine Lefort (1983) narra que Marie-Françoise desenvolve uma anorexia que posteriormente se transforma em bulimia, o que a fazia colocar-se em posição de ser empanturrada de comida pelos cuidadores da instituição sem nunca rejeitar qualquer alimento.

Estes sintomas alimentares são lidos pela analista como, inicialmente uma tentativa de Marie de colocar o Outro como desejante, ou seja, de anular o gozo do Outro pela rejeição do alimento na anorexia, para depois abandonar essa posição e colocar-se como puro objeto de gozo do Outro que a entope de comida quando lhe convêm. A menina falha em sua tentativa de barrar este Outro, fica impotente em sua condição de advir como um sujeito. (Lefort, 1983)

Para Rosine Lefort (1983), o que explicaria a forma como Marie-Françoise se apresenta é a ausência do Outro para a menina. Esta ausência do Outro de que fala Rosine, fica muito clara quando Marie-Françoise volta-se para a janela para fazer um apelo, ou seja, volta-se para o vazio, o ninguém, e não para Rosine que está na sala.

Esta posição sobre a ausência do Outro no autismo originou inúmeros debates dentro da psicanálise, pois, aparentemente não poderia haver marca significante, ficando o sujeito então fora da estrutura. Por isso, neste momento Robert e Rosine Lefort (1983) chamam o autismo de uma a-estrutura.

Mais tarde, a partir do ensino de Lacan voltado para as questões do Real, reveem e explicam melhor sua teoria. Na Jornada do Campo Freudiano no Brasil em 1995, declaram que consideravam que este termo, o da a-estrutura, era absoluto demais, e que o haviam deixado de utilizar por reconhecerem a polêmica que vinha causando. No entanto, permanecem com a proposição de que o termo tinha a intenção de deflagrar a condição de não dividido do sujeito autista, sem haver a queda do objeto a. Assim, o Outro do autista permanece sendo um Outro todo, sem furo.

Atualmente, temos a francesa Marie-Christine Laznik como umas das grandes teóricas a respeito do autismo. A autora defende a posição de que no autismo, o Outro primordial não teria seu gozo barrado, ou seja, não estaria na posição de um sujeito de desejo. Esta condição impediria que o bebê tivesse suas representações de traços mnêmicos inscritas no inconsciente.

Para defender sua hipótese, Laznik (2004) parte das proposições de Freud (1896/1996) na “Carta 52”. Nesta correspondência endereçada a Fliess, Freud fala sobre os tempos lógicos da constituição do aparelho psíquico e nos fornece esse esquema, reproduzido abaixo, para dizer que, entre o fenômeno da percepção e da consciência existiriam vários níveis de inscrição e tradução dos traços mnêmicos.

	I	II	III	
P(W)	SP(WZ)	Inc(Ub)	Pré(Vb)	Cons(Bews)
XX	XX	XX	XX	XX
-----	-----	X-----	-----	X
X	XX	XX	X	

O primeiro registro de inscrição seria o dos sinais perceptivos, *Wahrnehmungzeichen*, que se organizariam somente por simultaneidade e nunca chegariam a ser conscientes. O segundo momento de inscrição já se daria no inconsciente e as representações se organizariam por causalidade, proporcionando, assim, um espaço, uma diferenciação entre os traços. No próximo sistema, o pré-consciente, se trataria de tradução e não de inscrição, tradução essa que se daria em *representação de palavra* e *representação de coisa*. É através da tradução em representação de palavras que podemos ter notícias das primeiras inscrições de traços mnêmicos.

Laznik (2011) nos lembra que, para Lacan, esses traços mnésicos de uma primeira inscrição já seriam chamados significantes, e não somente as representações de palavras, como foi entendido por alguns outros teóricos. Em seu *Seminário XI*, Lacan (1964/ 2008) nos fornece essa explicação a respeito da Carta 52, dizendo

Freud deduz de sua experiência a necessidade de separar absolutamente percepção e consciência – para que isso passe para a memória, é preciso primeiro que seja apagado na percepção, e reciprocamente. Ele nos designa agora um tempo em que esse *Wahrnehmungzeichen* devem ser constituídos na simultaneidade. O que é isto – se não é a sincronia significante? [...] Mas nós, nós podemos de imediato lhes dar, a esses *Wahrnehmungzeichen* seu verdadeiro nome de *significante*.(p. 51)

No *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1895/ 1996) nos diz que estes traços primeiros seriam relativos às marcas deixadas pelas primeiras experiências de satisfação vivenciadas pelo bebê com a ajuda do próximo assegurador. Estes traços carregariam as percepções relativas ao grito e aos movimentos do corpo do bebê, assim como as características perceptivas do Outro primordial, que viriam lhe trazer a pacificação em relação ao desprazer. Esses dois elementos do traço, os movimentos do corpo e as características do Outro, se relacionariam e formariam a inscrição de uma memória. Estas inscrições seriam investidas pelo bebê porque mostraram ser um caminho possível em direção à satisfação.

Lacan (1959-1960/2008) nos diz que estes caminhos formados a partir da relação dos traços entre si, diriam muito mais de uma cadeia que denota a continuidade entre os traços, do que uma simples facilitação de caminhos, termo utilizado pelos tradutores ingleses de Freud e que gerou alguma equivocação.

O investimento nestes traços, assim como a repetição da experiência de satisfação, permite que em um próximo momento em que o sistema psíquico do bebê estiver pressionado por suas necessidades, as imagens e sensações dessas lembranças sejam reativadas e tragam ao bebê a possibilidade de um adiamento da satisfação por promoverem aquilo que Freud (1895/1996) chama de *satisfação alucinatória primária*. Este conjunto de imagens que são ativadas para gerar a alucinação é denominado por Freud de *representações de desejo*.

Estas representações de desejo, no entanto, não impedirão que o bebê se volte para o exterior em busca dos objetos de satisfação, e então elas se tornarão

uma medida de comparação para que o sistema psíquico decida investir ou não no objeto encontrado conforme ele se pareça mais ou menos com o objeto contido nas lembranças.

No entanto, o objeto encontrado no exterior, ou seja, aquele da realidade, nunca será exatamente igual àquele contido nas representações de desejo, mas terão a capacidade de trazer alguma satisfação ao bebê. Isso fará com que outros grupos de traços mnêmicos sejam formados e investidos, alguns mais do que outros. Isso faz com que o sistema psíquico se complexifique. Mas Freud lembra que a construção de novos conjuntos de traços está na dependência de que as representações de desejo no polo alucinatório permaneçam investidas, ou seja, que o investimento não seja todo retirado. Se esse investimento é todo retirado, a circulação entre as representações inconscientes não pode se dar. É a garantia de que o objeto *a* nunca se encontre no lugar da falta.

Para Freud, as imagens de lembranças desse Outro primordial se colocarão fundamentalmente como nunca iguais, ou seja, este objeto estaria para sempre perdido.

Os complexos perceptivos desse próximo se dividiriam em duas categorias: uma que permaneceria imutável, constante e concentrado enquanto Coisa (das Ding), enquanto outra fará parte do trabalho de rememoração. Isso é o que vemos neste trecho do *Projeto*

Suponhamos que o objeto que compõe a percepção se pareça com o sujeito – *um outro ser humano*. Nesse caso, o interesse teórico [que lhe é dedicado] também se explica pelo fato de que um objeto *semelhante* foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto satisfatório [do sujeito], seu primeiro objeto hostil, além de sua única força auxiliar. Por esse motivo, é em relação a seus semelhantes que o ser humano aprende a conhecer. Os complexos perceptivos emanados desse ser semelhante serão então, em parte novos e incomparáveis – como, por exemplo, seus *traços*, na esfera visual; mas outras percepções visuais – as do movimento das mãos, por exemplo – coincidirão no sujeito com a lembrança de impressões visuais muito semelhantes, emanadas de seu próprio corpo, [lembranças] que estão associadas a lembranças de movimentos experimentados por ele mesmo. Outras percepções do objeto-se, por exemplo, ele der um grito- também despertarão a lembrança do próprio grito [do sujeito] e, ao mesmo tempo, de suas próprias experiências de dor (p. 383).

Essa parte que permanece enquanto Coisa, Freud a relaciona aqui com os traços visuais desse Outro primordial.

A hipótese de Laznik(2011) é a de que, no autismo, algo impediria que os primeiros traços mnésicos fossem reinscritos no inconsciente, ficando o aparelho

psíquico do autista restrito a primeira inscrição dos traços que se dariam antes mesmo que o inconsciente tenha se constituído.

Assim, no autismo haveria um significante que, no entanto, permanece congelado, não permitindo as ligações com os S2 da cadeia, algo que só se faz em um registro inconsciente. Neves e Vorcaro (2011) nos lembram que é a partir da marca significante do traço unário que se estabeleceria o automatismo de repetição no inconsciente que faria com que se buscasse eternamente a revivescência da primeira experiência de satisfação que, no entanto, encontra-se para sempre perdida. Lacan (1959-1960/2008) nos diz que a característica fundamental do psiquismo é para sempre esperá-lo, isso que se chama *das Ding*.

A mãe que intervém com o S2 permite, então, que a cadeia se estabeleça enquanto substituição do que ficou perdido. Para o autista, a ligação com o S2 não se daria, e o significante do traço unário permaneceria congelado em uma posição de repetição de um gozo no Real do organismo que não permite metonímia e nem metáfora.

Sabe-se, como já foi visto, que o que compõe essas inscrições primordiais são as experiências de satisfação que o bebê vivencia. No entanto, como já destacou Lacan, não é pelo objeto real que lhe é apresentado que ele encontra a satisfação e que permite que este seja investido como objeto privilegiado. Segundo Laznik (2004), o que permanece enquanto inscrição e que permite faz com que essa seja investida é o investimento e o gozo do Outro que é percebido pelo bebê no momento dos cuidados que, assim, vão passando de algo restrito ao campo da satisfação da necessidade para um momento de gozo do bebê e do Outro. É o *a* que o bebê encontra no Outro, ou seja, seu gozo, na sua voz e no seu olhar fundamentalmente, que faz com que o registro mnêmico da experiência de satisfação seja investido. Este gozo, no entanto, precisa ser um gozo barrado.

O que promoveria a inscrição significante, ou seja, o registro da representação no sistema inconsciente, por sua vez, seria a fixação libidinal em uma determinada representação. Assim, as representações investidas libidinalmente vão se organizando, ligando-se umas as outras, em um sistema de linguagem, por condensação e deslocamento.

Lacan(1959-1960/2008) propõe como mecanismo de defesa relacionado a estas primeiras inscrições que seriam anteriores a entrada no sistema ψ , ou seja, que estariam ainda no sistema ϕ , a elisão. Elidir significaria fazer desaparecer estes sinais perceptivos, ou seja, estes significantes primeiros que chegam ao bebê. No entanto, o inconsciente só pode se estruturar como uma linguagem quando em relação com outro aparelho de linguagem, ou seja, com um outro falante.

Assim, é a mãe enquanto Outro primordial que ao interpretar as primeiras demandas do bebê, marcando seu encontro com a linguagem, permite que o inconsciente de seu filho vá se constituindo. Ela só pode fazer isso a contento se este filho ocupar um lugar de objeto a causa de seu desejo. A mãe transmitiria seu desejo ao filho através dos cuidados básicos investidos libidinalmente por ela, marcando, assim, o sujeito com suas próprias faltas. Ela marcaria o filho com seu desejo, ao invés de invadi-lo com seu gozo incontido, porque o Nome-do-Pai seria sustentado por ela (Lacan, 1969/2003).

A mãe da criança autista, por não estar em uma posição desejante em relação ao seu filho, por ser a marca de sua falta frágil, não consegue transmitir esse desejo ao filho no momento dos cuidados, o que o faria permanecer no registro do Real do organismo, unicamente, sem enlace com o imaginário. As experiências de satisfação não se inscrevem a contento, já que é necessário para que se invista em um determinado conjunto de traços essa percepção do investimento do Outro no corpo do bebê, e assim não podem ser reinscritas no inconsciente.

Isso impediria que o circuito pulsional se fechasse, como aposta Laznik (2004), pois o autista parece desconhecer a sensação de se fazer produtor de prazer para sua mãe. Ele, no entanto, conhece a sensação perigosa de ser objeto de um gozo sem limite para essa mãe, que manipula seu corpo sem prazer e sem considerar que ali há um sujeito.

Dessa maneira o processo de alienação seria mortal demais para o autista, que parece desde cedo perceber o risco que corre, evitando a todo custo alienar-se. Assim, como destaca Soler (1994), vemos um bebê que permanece congelado na posição de falado pelo Outro, sem realizar o processo de afirmação primordial.

Tudo o que vem do Outro é então elidido pelo sistema psíquico do bebê porque possui as características de uma invasão que significaria para ele o equivalente a sua própria aniquilação.

A partir destas proposições é possível pensarmos nos motivos pelos quais as crianças autistas evitam o olhar e a voz do outro.

2.3 O olhar e a voz no autismo – elisão como defesa

2.3.1 O campo do olhar

Para falar do olhar como constitutivo do sujeito, Laznik (2004) retoma os esquemas ópticos de Lacan em suas elaborações a respeito do estágio do espelho.

Lacan utiliza-se de dois esquemas ópticos em momentos diferentes para falar disso que ele denomina como a relação especular. Inicialmente, em seu *Seminário I* (1953-1954/2009) traz o esquema de Bouasse, que lhe serve, segundo ele, perfeitamente para dizer sobre o resultado da intrincação do imaginário e do Real. Neste esquema, se encontra um espelho esférico, uma caixa com um lado aberto que contém um buquê de flores, e um vaso vazio localizado em cima desta caixa.

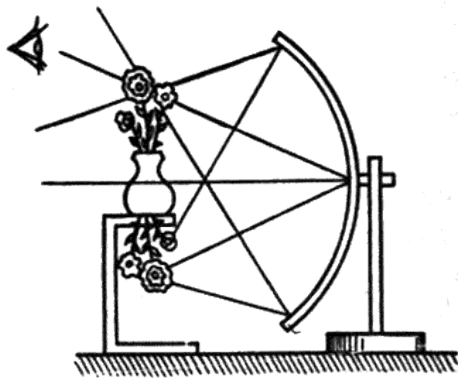


Figura 4: Esquema óptico de Bouasse retirado do Seminário I de Lacan (1953-1954/2009, p. 107)

O efeito desse experimento é que o buquê de flores é refletido no espelho esférico como estando dentro do vaso quando, na verdade, não está lá. No entanto, para que esta imagem seja vista por aquele que olha, o olho deve estar localizado a certa distância e posição específica em que nele convergem todos os pontos luminosos da imagem, gerando esta ilusão. Segundo Lacan, se o olho estiver no

exterior do cone “verá as coisas no seu estado real, inteiramente nu” (p. 110), enquanto que, estando no lugar correto, verá as coisas em seu estado imaginário.

Na leitura deLaznik (2004), em um primeiro momento, quando Lacan utiliza-se do esquema da experiência óptica de Bouasse, ele está falando de uma fase anterior ao estágio do espelho que seria aquela da instauração do narcisismo primário. Neste experimento, em essência, podemos ver o quanto uma imagem pode ser uma ilusão de algo que não está de fato ali, pois de acordo com a posição da qual o sujeito olha o objeto refletido no espelho, pode ter uma ilusão quanto ao que vê.

Isso equivaleria ao que acontece com a mãe quando olha para o organismo de seu bebê e encontra nele um corpo, atribuindo-lhe todas as perfeições, interpretando suas fezes como um presente, seus gritos como chamados, e colocando-o no lugar de um ideal, ou seja, como aquele que porta todas as qualidades ideais daqueles pais.

Laznik (2004) promove, então, uma alegoria com este esquema em que diz que poderíamos representar o vaso como um penico e as flores como o bebê de Freud, aquele de Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, “*His Majesty, the baby*”. Seria como se, para a mãe, quando o filho senta-se no penico, na verdade senta-se num trono, o trono do rei que ela o faz, e enche seu penico não de fezes, mas de presentes destinados a ela. Assim, transforma uma imagem real, pertencente ao campo do organismo em completamente imaginária, atravessada pela forma investida libidinalmente pela qual toma o filho, que assim, passa a sentir também.

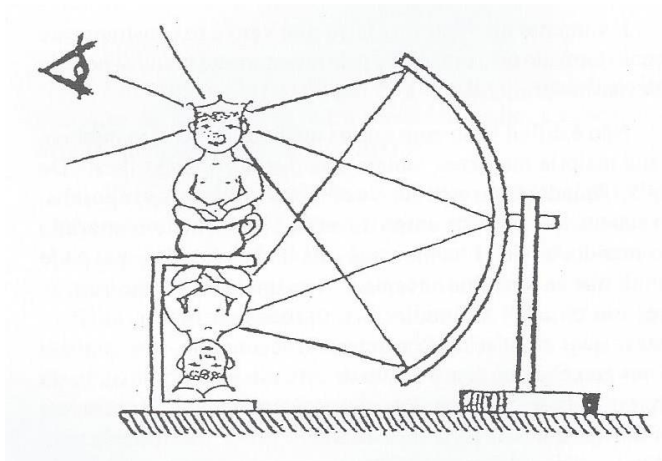


Figura 5: A voz da sereia (2004, p. 45).

Fernandes (2000) ressalta que essa posição específica daquele que olha e que guarda a dependência da imagem narcísica pode ser pensada em termos de uma dependência da estruturação simbólica desses pais, ou seja, de sua própria condição de castrados, e do quanto conseguiram construir para si ideais para depositar no bebê.

Cabe aqui destacar, como já foi discutido no capítulo anterior, que este olhar não está remetido a visão, pois traz em si o registro de uma presença materna. Esse olhar é predominantemente imaginário, se trata de uma ilusão narcísica. É aquele que supõe ali um sujeito que de fato ainda não há, colocando aquilo de mais subjetivo do olhar materno na objetividade pura do organismo do bebê, abrindo-se aí uma nova objetividade.

Vorcaro (2002) explicita bem esta função materna de suposição de sujeito quando diz que “o organismo é dito *ser* pelo agente materno, ou seja, ser que não sabe dizer, de seu próprio lugar << *eu sou*>>, mas que é dito de outro lugar: << *ele é*>>” (p.15). O autista ficaria congelado neste lugar do *ele é*, mas sem suposição alguma por parte dos pais de que fosse algo mais do que demonstra ser.

Laznik (2004) destaca que, em sua percepção, neste esquema Lacan considera que o bebê, colocado aqui como o vaso, e não como o olho que olha, não pode se ver, destacando assim que neste momento o bebê só existe enquanto imagem no olhar deste Outro que o vê perfeito e sem furo, bem distante do Real. Dessa forma, há um olhar que antecede a própria capacidade do ser de olhar a si mesmo. Ele se sabe olhado, mesmo que não possa olhar-se.

Este engano do olhar do Outro, que vê além do que se mostra, é necessário na medida em que estrutura o eu do *infans*, que, num próximo momento, quando se encontra com o espelho pode confirmar a ideia de seu corpo enquanto totalidade, ideia esta que dá a ele a ilusão de que tem um domínio motor que de fato ainda não possui. Destaca Lacan (1964/ 2011) que esse momento, o do estádio do espelho propriamente dito,

É a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe corpo outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia (p.109)

Para falar deste momento Lacan propõe um segundo esquema, mais complexo, que inclui um outro espelho, agora plano. Neste caso a imagem produzida pelo espelho esférico, ou seja, o vaso contendo as flores, é refletida pelo espelho plano enquanto imagem virtual. Pela presença do espelho plano o vaso pode ver sua imagem refletida, imagem esta que no esquema anterior só estava disponível em sua totalidade para o olhar que olhava de fora do esquema. Assim, o bebê é possibilitado de ver sua própria imagem refletida no espelho do Outro, espelho A como denomina Lacan.

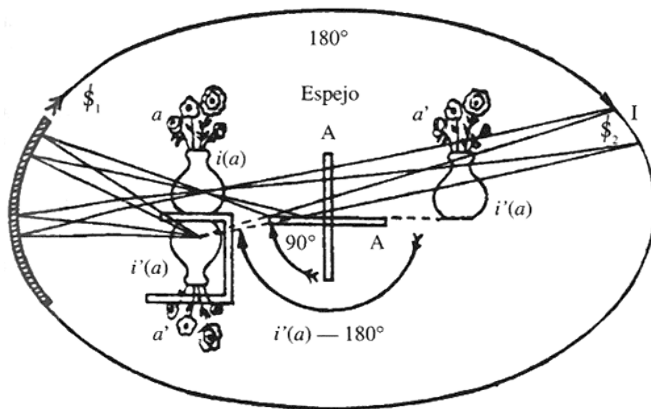


Figura 6: Segundo esquema óptico utilizado por Lacan. Seminário XI (1964/ 2011 p. 681).

Aqui, Lacan considera o bebê enquanto aquele que invoca o olhar do outro a partir do seu próprio olhar, para obter a confirmação para a imagem de si mesmo que vê refletida no espelho do Outro, A. Constitui-se assim, portanto, o eu (*moi*) do sujeito, construção imaginária, ilusão. Nas palavras de Lacan (1960/ 1998), o estágio do espelho se define

... no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo ela já estava. (p. 685).

A partir desse momento, o sujeito passa a ter uma imagem de si enquanto superfície, em um invólucro que é a pele e que escamoteia o Real do corpo que é aquele marcado por uma falta.

Já vimos no capítulo anterior que isto que remete o sujeito a uma falta em sua imagem é denominado por Lacan de $-\phi$. É isso, portanto, que o olhar do Outro deve vir escamotear, entregando ao sujeito a ilusão de sua totalidade que ignora a presença de uma ausência, aquela do falo.

Laznik (2004) propõe então que esta frase de Lacan “em que por certo ela já estava” denota a importância da fase anterior descrita por ele com o outro esquema óptico. A criança neste momento pede a confirmação daquilo que já encontrava no Outro enquanto atribuição dos ideais, e que agora lhe aparece na imagem do espelho, pede a confirmação de sua imagem unificada e idealizada. Dessa forma, sua hipótese é a de que o estabelecimento a contento do estágio do espelho estaria na dependência da construção do primeiro momento da construção do narcisismo, ou seja, da libidinização e depósito de ideais dos pais no corpo desse bebê, para que isso possa ser confirmado posteriormente.

Lacan (1962-1963/ 2005) deixa claro em seu *Seminário X* que não basta o encontro do sujeito com sua imagem no espelho para que o imaginário e o eu se constituam. É necessário fundamentalmente essa cota de libidinização que só pode vir do Outro e que é responsável pela alienação do bebê nessa imagem.

Para Laznik(2004), a alienação poderia ser pensada em três tempos, da seguinte maneira:

- *Alienação imaginária*: Trata-se da identificação do bebê com aquilo que o olhar dos pais lhe atribui;

- *Alienação real*: É quando o bebê se coloca no lugar de objeto para o Outro no terceiro tempo pulsional;

- *Alienação simbólica*: Compõe o campo da pulsão invocante, em que a mãe fala no lugar do filho em uma protoconversa.

Assim, ela compreende que o autista não conseguiria adentrar o tempo da *alienação real*, pois o tempo anterior também não se constituiu a contento. O bebê autista se recusaria a colocar-se definitivamente como objeto de gozo para um Outro porque este Outro não consegue atribuir-lhe características que lhe permitiriam construir uma imagem narcísica na qual se alienar, ou seja, este Outro não se mostra desejante em relação ao bebê, restando-lhe somente um gozo sem limites.

A ausência do olhar do bebê em relação à mãe constitui um dos sinais que permitem pensar em um possível risco para o desenvolvimento do autismo, fundamentalmente se a mãe não se apercebe disso. (Laznik, 2004).

Podemos pensar, portanto que o autista elide o olhar do outro porque, a cada vez que se deparou com ele encontrou no rosto da mãe e em seu olhar a falta de investimento dela nesse ato, a ausência de desejo e um gozo intrusivo.

O que o olhar tem a função de elidir é fundamentalmente o Real, a castração, ou seja, aquilo que da imagem Lacan define como $-\phi$. No entanto, já que este Outro não é furado, é o furo do bebê que ele deixa a mostra no olhar que não é envelopado pelo imaginário e pelo simbólico dos ideais dos pais e que assim deveria enganar o bebê. É isso o que é exposto por RosineLefort quando esta diz de uma ausência do Outro barrado.

Isso não permite que a experiência de ser olhado por esse Outro se constitua experiência de satisfação, ou seja, não permite que o olhar do Outro se constitua objeto *a*. Assim, o sujeito recusa-se a entrar no terceiro tempo do circuito pulsional, em que busca o olhar do Outro para ser reconhecido, permanecendo, então no momento de olhar. Olhar este que sabemos poder fixar-se por horas em um determinado objeto, e repentinamente, sem nenhuma causa aparente, este olhar se perde e o objeto parece nunca ter existido.

Da mesma maneira, como lembra Kupfer (1999), se seu bebê é furado, para a mãe torna-se impossível olhá-lo sem encontrar nele o horror da castração da cabeça da medusa.

2.3.2 A voz

Como já foi explicitado anteriormente, a mãe, por meio de sua voz, é aquela que insere o sujeito na linguagem ao lhe devolver sua mensagem de maneira invertida quando do grito da necessidade, transformando-a em demanda.

No entanto, o que se observa nas mães de autistas é que elas têm dificuldades de interpretar as produções sonoras do bebê como qualquer coisa além da pura necessidade. Não conseguem interpretá-las como o desejo de sua presença, um chamamento ao seu afeto e ao seu desejo. Elas acabam, assim, por

invadi-los de alimentos e de cuidados excessivos relacionados ao orgânico, tomando-os como uma carne manipulável de acordo com seu gozo, o que os faz rejeitá-lo, como Marie-Françoise, na tentativa de barrar essa mãe.

O “manhês” é a produção sonora que os linguistas observaram estar contida na interação entre a mãe e o bebê, que, como já foi dito, parece estar remetida a falta da mãe e a uma tentativa dela de que, com esse tipo de fala, nada falte, ou seja, nada fique por dizer. Esse “manhês” tem algo de fascinante para o bebê, até mesmo para os bebês que mais tarde se tornarão autistas.

As mães das crianças autistas, como observa Laznik (2010) têm dificuldades de falar com seus filhos nesse registro e de cumprir com as características da protoconversaço. Esta protoconversaço, segundo Catão (2009), estaria relacionada com a suposiço de sujeito por parte da mãe, que acredita que o filho poderá respondê-la no diálogo, quando, na verdade, ele ainda não o pode fazê-lo. Por isso, na protoconversaço a mãe se impõe intervalos em sua fala que seriam destinados a resposta do filho.

Além disso, na protoconversaço a mãe falaria no lugar do filho, emprestando sua voz ao bebê. Ela diz: “Mamãe, estou com fome!”, como se fosse o próprio filho a falar com ela.

As mães não faltosas não conseguiriam desenvolver o “manhês” porque este denota exatamente uma tentativa de tudo dizer, que só poderia ser elaborado por alguém que reconhece na linguagem comum a sua incapacidade essencial de cumprir tal função, assim como não fariam com o bebê em protoconversaço porque não conseguiriam supor ali um sujeito para além de sua incapacidade de falar (Ferreira, 2010). Se uma mãe não é faltosa, porque invocaria ela sua filha? (Laznik, 2004)

Por essa característica de fascínio exercida pelo “manhês”, Laznik (2004) a relaciona com a voz da sereia, que já havia sido desenvolvida em suas particularidades desde a Odisseia. Lá, aparecem as três dimensões do canto sedutor das sereias, o *ftogos*, *op's* e *aoïde*. A primeira designaria o canto enquanto grito, portando algo do inarticulado e seria associado à morte; a segunda teria relação com a fala propriamente dita, além de conter algo de uma voz feminina e

sedutora que faria Laznik ver aqui as características do “manhês”; a terceira, por sua vez, relaciona-se com uma promessa de saber.

Não podemos deixar de pensar que o autista, em seus gritos e sons inarticulados, parece estar preso nesta dimensão de *ftogos*, pois para sair dela seria necessário a segunda dimensão, a do “manhês” sedutor.

Para Catão (2009), quando algo do laço primordial entre a mãe e o bebê falha, a passagem do puro som para a voz não se dá, permanecendo, então, para a criança autista como barulho, como percepção bruta. Ela diz, ao falar da relação do autista com o som

... ele não ouve voz, mas ruído. O barulho o invade e não traz nenhuma informação a seu respeito. Seja porque o outro (Outro) não a pode chamar, seja porque a criança se recusa defensivamente a ouvir, o resultado é não haver chamamento. O ruído real não se conforma em voz. A criança não entra (ou não completa) no circuito da invocação, permanecendo particularmente sensível a sons e temente de barulhos “reais” (p.179).

O autista não reconhece a voz, somente o barulho, enquanto o psicótico, que como lembra Catão (2009) por vezes também tapa os ouvidos, reconhece a voz enquanto aquilo que vem do Outro e invade como uma resposta plena, sem o enigma que contém para o neurótico.

Se o bebê não encontra na voz do Outro o gozo que viria da interação entre mãe e filho, ela, a voz, não pode se estabelecer como objeto *a*, ou seja, não pode passar do ruído à voz, e a experiência de satisfação não se dá de maneira que este grupo de representações da voz materna e da sua própria sejam investidos e reativados como forma de apelo ao Outro. Assim, o sujeito não completará, como no caso do olhar, o circuito pulsional, pois não buscará ativamente ser chamado por este Outro. A voz não se estabelece enquanto objeto *a* ser buscado do campo do Outro como forma substitutiva do que foi perdido.

Se sequer recebeu sua mensagem invertida, ou seja, se o Outro não se sentiu chamado por esse bebê, muito menos este procurará se fazer chamar. Assim, o autista não faz apelo e não responde à invocação do Outro.

Como destaca Catão (2009), tapar os ouvidos para o ruído é também uma tentativa de barrar o gozo do Outro que vem na fala desinvestida. A surdez aparente do autista, segundo Laznik (2001/2013), se daria por um desinvestimento maciço do

sistema perceptivo que lhe traz experiências de angústia ao invés de experiências de satisfação, fundamento da elisão. Bastos (2014) nos lembra do quanto esta voz bruta ou silenciosa pode ser geradora de angústia.

Sua aparente surdez e ausência de fala, no entanto, não significam que o autista esteja fora da linguagem. Araújo (2009) destaca que o autista, com a sua recusa à comunicação, deixa às claras uma relação com a fala que, apesar de estar fora do sentido, não deixa de conter um gozo.

A autora nos faz recorrer ao *Seminário XX* (1972-1973/2008) de Lacan, quando este distingue um *saber fazer sobre alíngua* de um *saber fazer com alíngua*. Ele nos diz

A linguagem, sem dúvida é feita de *alíngua*. É uma elocubração de saber sobre *alíngua*. Mas o inconsciente é um saber, um saber fazer com *alíngua*. E o que se sabe fazer com *alíngua* ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem. [...] os efeitos de *alíngua*, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar. (p.149)

Assim, um saber fazer sobre *alíngua* supõe que seu uso possa fazer discurso, enquanto que o saber fazer com *alíngua* trata de um gozo que é encontrado longe de qualquer intuito comunicativo e de qualquer sentido.

O autista, portanto, é aquele que sabe fazer com *alíngua*. Essa *alíngua* faria referência a esses significantes traços mnêmicos que são encontrados no primeiro registro na constituição do psiquismo, e que, apesar de serem significantes não comportam significação.

O autista está na linguagem de uma maneira diferente do neurótico e também do psicótico, encontrando nela um gozo que não remete a significação e ao laço social.

Como isto comparece na clínica, e como ela pode intervir para que essa realidade se modifique, é isso o que veremos agora com a ajuda de um caso clínico que nos servirá como ilustração.

CAPÍTULO 3

“MÃE, OLHA PRA MIM!”- O CAMINHO ANALÍTICO DE UM MENINO AUTISTA POR MEIO DA VOZ E DO OLHAR.

Desde Rosine Lefort (1983) em seu tratamento com Marie-Françoise, vemos a hipótese de que, através do tratamento psicanalítico de tais crianças ditas autistas, seria possível o nascimento do Outro enquanto instância simbólica. Não que ali não houvesse Outro, mas o que há é um Outro não barrado, um Outro puro gozo que não permite que advenha sujeito.

Assim, ao permitir o advento do Outro, através de sua encarnação pelo outro do analista, é possível pensarmos no nascimento de um sujeito que ali só estava em condição de advir.

É isso o que Oliveira (2010) deixa claro quando diz que

“Nessa clínica torna-se fundamental se apresentarem as condições de instalação de um sujeito. Não é o sujeito que se apresenta, mas o que precisa se tornar presente, como direção de tratamento, é a possibilidade de que um sujeito possa advir” (p. 28).

Kupfer (1996) destaca que, independentemente das modificações que o enquadre ortodoxo para o tratamento de crianças, assim como de crianças psicóticas de autistas, imponha ao analista, o que nos garante que praticamos a psicanálise é a instalação do discurso analítico, ou seja, a instalação do analista no lugar de objeto *a* para o paciente. Mas, como isso se daria no tratamento de crianças autistas diante do fato de que estas não conseguem colocar-se no lugar de sujeito, ficando, assim, o analista neste lugar? Algo, portanto, dessa relação transferencial necessita ser invertido, e esse parece ser o objetivo primeiro do tratamento.

Essas modificações permitiriam que, como resultado do tratamento, a criança autista pudesse, como propõe Laznik (2004), desenvolver o interesse pela voz e pelo olhar do Outro enquanto objeto pulsional.

Na história do tratamento de Miguel, foi a isso que me propus. Trata-se, neste caso, de um menino de dois anos e cinco meses que chega para atendimento por indicação da escola, que observava nele, tal quais os pais, um comportamento muito diferente das outras crianças. Corria sem destino na sala de aula, não interagia com os colegas, não participava da rotina escolar e tinha grande atraso na aquisição da linguagem verbal. Os pais haviam o inserido na escola no mês anterior ao início dos atendimentos, exatamente por observarem o referido atraso na fala, acreditando que a escola auxiliaria neste processo.

Torna-se fundamental para o entendimento do caso relatar o histórico de vida de Miguel até aquele momento. Miguel é fruto de uma gravidez gemelar bivitelina natural, tendo, assim, uma irmã gêmea. Segundo o pai, o casal inicialmente não tinha o desejo de ter filhos, mas a mãe passou a desejá-los em momento posterior do casamento e assim decidiram pela gravidez.

Os bebês nasceram com poucas semanas de antecedência da data dos nove meses, e por isso permaneceram na UTI Neonatal por poucos dias. No entanto, os bebês nasceram com peso e tamanho considerados muito bons para uma gravidez gemelar, e não apresentaram nenhum problema de saúde após o nascimento que preocupasse os médicos.

A mãe só os viu pela primeira vez dois dias depois do nascimento por motivos que ela não sabe relatar, confundindo-se quanto aos acontecimentos daqueles dias que se seguiram ao parto. A mãe parecia estar ausente psicologicamente naqueles momentos.

Ao retornarem para casa, permaneceram mantendo a rotina que era seguida na UTI até o momento do início do tratamento, pois, de acordo com os pais, aprenderam lá o exercício da maternidade e não sabiam como fazer diferente. Além disso, apesar das crianças terem nascido com boa saúde, os pais possuíam claramente uma fantasia de que estas crianças eram frágeis e poderiam adoecer gravemente a qualquer momento, o que os fez se preocuparem enormemente com a manutenção dos hábitos hospitalares. Parecia que esta mãe tinha também uma fantasia de que esses filhos, com seu adoecimento, viessem lhe confirmar que ela não sabia ser mãe.

Desta forma, relatam que os filhos nunca chegaram a chorar por sede, fome, ou qualquer outra necessidade, pois comiam sempre em horários milimetricamente marcados. Podemos pensar que não chegava a se estabelecer nenhum momento de espera desprazerosa, que permite a construção do objeto alucinado e abre a possibilidade do apelo e da transformação da necessidade em demanda pela mãe. Assim, o momento de satisfação da chegada do objeto ansiado pelo bebê após o aumento de tensão no sistema, destacado como fundamental para o investimento de traços mnêmicos, parece também não ter se instituído a contento.

Soler (1994) nos lembra que é a linguagem que se incorpora em um organismo e o transforma em corpo, na transformação do grito em demanda, que faz o órgão-libido. No entanto, para a autora, no autismo o que parece comparecer é um corpo que permanece funcionando como organismo, ou seja, unicamente pelas satisfações de necessidades básicas como a fome, a respiração, entre outros. Destaca, assim, que não é o organismo que está em pane no autismo, mas a animação libidinal que viria do investimento do Outro neste organismo e que o retiraria de seu lugar de máquina.

Os pais pareciam perceber que algo não ia bem com o corpo de seus filhos, mas não podiam compreender que não era no registro do orgânico que estavam adoecendo, mas do corpo enquanto inexistente.

Miguel e a irmã ainda funcionavam claramente como máquinas, pois, por exemplo, costumavam se colocar em frente ao portãozinho da cozinha sempre no mesmo horário para receberem as refeições e faziam xixi e cocô sempre no mesmo horário, permitindo, assim, que os pais lhes trocassem as fraldas imediatamente e nunca ocorresse nenhuma surpresa.

Tudo, portanto, funcionava como signo, não possuía nenhum tipo de significação que implicaria no equívoco, portanto, linguagem. A possibilidade dos filhos lhes fazerem qualquer tipo de demanda parecia ser insuportável para os pais, pois como lembra Laznik (2010), para além da satisfação da necessidade, a demanda é demanda de amor, portanto impossível de ser satisfeita. Uma frase da mãe marca esta posição, que em alguma medida, mesmo com toda a modificação que já pode ocorrer, por vezes ainda escorrega para este lugar. A mãe diz à profissional que atende a filha que ela deseja, agora que a menina saiu de uma

posição autística, que aprenda a brincar sozinha, porque não aguenta mais que ela lhe demande atenção e que ela precise ficar assistindo a filha brincar para que esta se sinta satisfeita.

A mãe diz, no momento do acolhimento inicial, que acreditava que os filhos eram assim “estranhos” (sic.) porque ela os mantinha desde o nascimento na sala da casa, com portõezinhos que impediam a circulação das crianças por outros ambientes, e sem contato com nenhuma outra criança ou adulto além deles. Diziam-se muito calados, e que por isso não tinham o hábito de conversar com as crianças e nem entre si. A televisão da casa era mantida ligada por todo o tempo, e os brinquedos das crianças todos dispostos no chão. Tudo o que lhes causava incômodo, como, por exemplo, as cadeiras que as crianças arrastavam incessantemente, era retirado da casa ou do alcance dos filhos.

Um dado essencial para a discussão que se pretende deste caso é o fato de que os bebês eram filmados pelos pais, diariamente, normalmente sempre no mesmo horário, vídeos estes a que tive acesso por meio dos próprios pais. Quando questionados sobre os motivos pelos quais filmavam as crianças com tanta frequência, a mãe diz que sempre acreditou que um dia poderiam precisar dos vídeos. Aqui, mostra claramente que já percebia, desde muito cedo, um estranhamento nos filhos.

Nestes vídeos, poucas vezes foram retratados momentos em que as crianças realizavam qualquer tipo de atividade. Normalmente durante as filmagens eram colocadas nas cadeirinhas de comer e filmadas ali, na maioria das vezes pelo pai, mas com a presença da mãe. Eles os chamavam pelo nome repetidamente, sempre com a mesma prosódia na voz, de quem procura sem encontrar aqueles a quem chama.

Nos poucos momentos em que eram filmados em atividade corriam pela sala da casa, trocando incessantemente de brinquedo, com os pais em silêncio, sem nenhuma intervenção, apenas o chamado do nome que se fazia presente em alguns momentos. Não havia conversa com as crianças, tentativas de brincadeiras em conjunto ou qualquer tipo de tentativa de tradução dos sons que em raras ocasiões vimos os bebês emitirem.

Nos vídeos, é patente a ausência do “manhês”, ou seja, da invocação e da conversa com o bebê que pela prosódia particular o fascina e chama sua atenção. O único contato que os pais tinham com os filhos era no momento dos cuidados básicos, que pareciam ser realizados, como fica claro no relato da mãe, em regime de produção. O corpo das crianças era tomado pela mãe unicamente no registro do organismo, e com isso ela lhes manipulava o corpo conforme lhe conviesse. Parecia não supor, portanto, que ali existissem sujeitos para quem se deve traduzir o mundo inclusive durante as trocas de fraldas, o banho, as brincadeiras e a alimentação.

Apesar disso, vemos nos bebês um desenvolvimento aparentemente normal até aproximadamente os seis meses, quando se modificam algumas particularidades de seus comportamentos. Nesses primeiros meses é possível perceber que no momento em que o pai liga a câmera, os bebês se agitam muito, sorriem e tentam, assim, talvez responder a demanda de aparecimento que o pai lhes fazia quando invocava seus nomes. No entanto, a confirmação de que estavam de fato ali nunca vinha.

Kupfer(2000) destaca que é justamente por volta dos seis meses que começamos a perceber quando algo do reconhecimento mútuo entre o bebê e sua mãe está falhando. Para Crespim (2004) a cessação do apelo, dos choros e das vocalizações em meados do sexto mês indica um abandono por parte do bebê das tentativas de se fazer ouvir pelo Outro da relação. É isso o que parece se mostrar neste caso.

Assim, podemos pensar que Miguel fazia uma tentativa incessante de colocar-se como objeto do Outro no terceiro tempo do circuito pulsional, fazendo gracinhas para que os pais lhe olhassem e assim lhe reconhecessem, mas como esse momento não chega, os pais não lhe devolvem sua imagem refletida, este comportamento cessa, e a indiferença do filho aparece.

Catão (2009) nos diz que quando os outros momentos do circuito pulsional não se deram a contento, ficaram capengas em sua constituição, mesmo que cheguem a um terceiro tempo podemos assistir a uma perda que denotaria uma regressão, um desmoronamento de um caminho pulsional com estrutura frágil.

Miguel começa a rejeitar a voz do outro que lhe invoca sua presença, assim como não olha mais e não procura o olhar do outro. Quando Miguel respondeu a invocação do outro e procurou seu olhar, não encontrou nele o que necessitava para que estes se fizessem objeto de investimento pulsional, ou seja, não encontrou o desejo apaziguador de um Outro que, ao olhá-lo, lhe faz sujeito. Isso é o que defende Lacan, quando diz que no terceiro tempo do circuito pulsional não surge ali somente um objeto, mas também um sujeito que só pode sê-lo porque alguém o olha, ou seja, o reconhece como tal. Ao contrário, Miguel encontra um gozo que não possui barramento e que, portanto, o coloca em perigo de aniquilamento.

Nos vídeos de Miguel, fica muito claro que os pais não conseguem investir este corpo narcisicamente, ficando Miguel no olhar destes pais em um lugar de Real puro. Como exemplo, citamos um momento do vídeo em que o pai, enquanto filmava Miguel e a irmã, fazia uma comparação entre os dois ressaltando as mínimas coisas que conseguia enxergar das conquistas da filha e dizendo a Miguel: “e o Miguel só sabe comer, fazer cocô e dormir, não é Miguel?”.

Seguindo Laznik (2004) podemos pensar que o primeiro momento do estádio do espelho, ou seja, aquele em que a criança é dotada de todos os ideais pelos pais, que lhe tem um olhar narcísico, não se deu, e, portanto, o momento propriamente do estádio do espelho também não se constituiu a contento.

Soler (1994) destaca que o autista é aquele que está aquém da alienação, mas permanece na condição de falado pelo Outro, congelado nesse significante S1 que veio do Outro, mas que não faz cadeia. Miguel parece, portanto, ter ficado congelado nesse lugar de falado enquanto dejetivo, enquanto Real, por esses pais.

Se quando Miguel olhava para os pais via um olhar que não lhe enganava a respeito de sua imagem furada, deixando o Real de seu corpo a vista às custas de poder manter este Outro na condição de todo, como destaca RosineLefort (1983), este se tornava insuportável e o que lhe restava era recusá-lo de todas as maneiras. É com esta evitação do outro, fundamentalmente, que Miguel chega para atendimento.

O fato de serem filmados talvez ajudasse as crianças a suportarem o gozo sem barramento do olhar dos pais que estava contido minimamente pela câmera

postada entre eles, e por isso sentiam-se mais confiantes na tentativa de colocarem-se enquanto objeto. No entanto, isso também lhes fez receber um olhar anônimo, sem desejo, que denotava a incapacidade desses pais de olhar para os filhos e interagir com eles no campo da fala sem qualquer artefato em frente ao rosto. Olhar os filhos diretamente era também insuportável para eles.

Ele é trazido pelos pais depois de receber o diagnóstico de autismo dado pelo neuropediatra e muito contestado por eles, que acreditavam que aquilo era um erro porque Miguel não se comportava como haviam visto em uma reportagem sobre o tema na televisão. É realizado então, inicialmente, um processo avaliativo para melhor compreensão do que se dava neste caso. É importante destacar que este processo avaliativo não se encerra ali, pois é constante durante o tratamento psicanalítico.

Nas primeiras sessões Miguel não responde ao chamado de seu nome, minha presença não lhe causa nenhuma curiosidade e minhas tentativas de contato são em vão. Corre muito na sala de atendimento em uma desorganização psíquica muito clara, não brinca com nenhum objeto presente e a única coisa que lhe interessa é desmontar todos os brinquedos, fragmentando ou rodando-os e jogando tudo o que está nas prateleiras de brinquedos para o chão. Não pronuncia nenhuma palavra e produz somente um som “babebebe” que se repete juntamente com um maneiio de cabeça para a esquerda em diversas situações.

Sua conduta me faz pensar que os sinais perceptivos chegavam a Miguel numa rapidez e num caos impressionante, mas nenhum conseguia fixar-se, o que poderia promover certa organização, mas todos se evaporavam em um lapso de segundo que o impedia de interessar-se por qualquer coisa.

É solicitado aos pais, então, que tragam a irmã gêmea de Miguel para um atendimento em conjunto com o irmão para fins de observação, e nele é percebido que não há qualquer interação entre os dois, não dividem nenhuma brincadeira e esbarram-se como se não existissem um para o outro.

Constata-se, então, que Miguel tem, de fato, uma forma de funcionar autística, ou seja, como define Laznik (2011), está fechado a qualquer intervenção do Outro que venha marcá-lo com seus significantes. A irmã também possui um

funcionamento deste tipo, mas com muito menos comprometimento no laço com o Outro do que Miguel e os dois então são tomados em tratamento por mim e por outra profissional da instituição.

Passaremos agora a analisar mais especificamente o caminho analítico que foi compartilhado por Miguel e por mim em dois anos de tratamento, para assim relacioná-lo com as questões teóricas previamente discutidas aqui e tecermos novas considerações.

Nas sessões iniciais, Miguel corre incessantemente pela sala, não me inclui em nenhum momento no campo de seus interesses, gira os brinquedos que tem formato cilíndrico e se esconde do meu olhar constantemente. Na terceira sessão, no entanto, realiza-se uma brincadeira que prende sua atenção por alguns minutos. Pego uma almofada que ele havia jogado no chão e coloco-a em frente ao rosto, dizendo “Cadê o Miguel?” e retirando a almofada do rosto digo “Achou!!”. Ele gosta da brincadeira e passa a pedi-la nas sessões posteriores, colocando a almofada em frente ao meu rosto e esperando que eu lhe diga as palavras de sempre.

Podemos pensar que aqui Miguel encontrou uma nova versão daquilo que vivenciava nos momentos das filmagens. O pai chamava-o, mas nunca reconhecia que o encontrava ali, na frente dos olhos. De fato para os pais ele não era suposto como sujeito, portanto, não podia ser achado ali, estava inteiro por vir, ausente, enquanto que nesta brincadeira o tal Miguel finalmente aparecia. A almofada se coloca aqui como a câmera, entre o nós, o que permite que ele suporte o meu olhar quando este vem.

No entanto, permanecia desorganizado, jogando todos os brinquedos no chão assim que entrava na sala de atendimento, reproduzindo assim a sala de sua casa. Algumas sessões mais tarde Miguel me permite sentar no chão com ele sem sair correndo para esconder-se atrás dos móveis, e até permite ser tocado por mim pela primeira vez quando interpreto um som que ele produz dizendo-lhe que é o som de um cachorro. Imitando o cachorro, finjo que vou mordê-lo e ele recusa, ignorando a brincadeira e distanciando-se imediatamente.

Qual a diferença essencial entre uma intervenção e a outra, que fazem com que em um caso Miguel responda positivamente, enlaçando-se com o outro pelo menos por alguns minutos, enquanto em outro momento isso não se faz possível?

Baseando-nos no que propõem Kupfer et al. (2007) a intervenção não pode ser feita diretamente ao sujeito, como eu faço no segundo caso, mas sempre de maneira oblíqua, indireta, sem que o sujeito perceba que alguém se ocupa dele. Na primeira brincadeira, aquela da almofada, quando ela ocorre pela primeira vez, falo com ele sem dirigir-me diretamente a ele, sem olhar pra ele, pois ele está no momento interessado em outro objeto. No entanto, estou presente em seu campo visual de uma maneira que o atinjo indiretamente.

Além disso, imponho um objeto entre nós que barra meu gozo e assegura sua integridade. Em um segundo momento, o do cachorro, além de dirigir-me diretamente a ele, ele sente-se em perigo de que eu invada o seu corpo quando simulo lhe morder.

Aos poucos, no entanto, começa a responder a alguns enunciados ditos por mim, como, por exemplo, quando lhe dizia que íamos embora e ele em resposta parava na porta e levantava a mão para que eu o acompanhasse até a recepção. Eu lhe dizia que iríamos encontrar o papai e a mamãe que haviam ficado na recepção, e ele então, em um desses momentos, produz o som “pa”. Eu imediatamente signifique-o como papai, devolvendo-lhe a ele a palavra. Assim, por vários momentos depois desse, Miguel parará na porta e dirá “pá”, como que solicitando ir até o pai.

Miguel não me dá nenhum outro indício de que minha significação era de fato aquela que ele pretendia, o que por vezes me faz duvidar de minha intervenção, mas penso que talvez algo desse significante tenha colado. Porém, na maior parte do tempo Miguel estava fechado para qualquer intervenção e ainda funcionava como puro gozo em suas repetições incessantes.

Neves e Vorcaro (2010) definem a transferência neste tipo de caso como a suposição e confiança da analista em um saber, saber este a respeito da existência de um sujeito vivo na criança, que, assim, antecipa a existência de um sujeito de

desejo que somente sob essa condição pode advir. Esta, no entanto, é a única suposição de saber que se pode ter sobre a criança autista.

Kupfer et al. (2007) afirmam que, se no caso das crianças autistas haveria um Outro gozador, que invade o sujeito com um gozo que dele transborda sem lei, nesta clínica se trataria, apoiando-se em Zenoni (1991), de tratar o Outro, ou o gozo deste Outro da criança. Para isso, propõem como modelo de tratamento o institucional, em que o saber sobre o sujeito circularia entre os vários agentes da instituição ao invés de localizarem-se somente em um, permitindo, assim, um lugar para o analista de não suposto saber sobre o sujeito.

Estar na instituição apaziguaria o Outro do sujeito, que teria seu gozo barrado por uma Lei que rege o gozo de todos, inclusive o do próprio sujeito. Neste caso relatado aqui o tratamento neste tipo de instituição como é o Lugar de Vida em São Paulo, fundado por Kupfer a partir deste paradigma teórico, e baseado em outras instituições como de Courtil na Bélgica, não foi possível por não haver instituições com esta característica na cidade em que se deram os atendimentos. No entanto, negar tratamento para estas crianças não era uma opção, o que fez com que dentro do contexto dos atendimentos individuais algumas perspectivas deste tipo de tratamento fossem mantidas.

Uma das formas de manter essa posição de não-saber a respeito do paciente veio do entendimento de que a escola possui grande importância no tratamento dessas crianças e de que, portanto, uma intervenção sempre pensada em conjunto por todos os agentes foi o que se buscou desde o início. Kupfer et al.(2007) destaca que a principal forma de inserção social da criança é a escola, instituição que até pouco tempo não abria as portas para crianças autistas e psicóticas porque estes eram considerados incapazes de aprender e muito difíceis de manter e convivência com as crianças normais em função de sua agitação e agressividade.

Miguel e a irmã foram inseridos em uma classe regular em uma escola particular da cidade ao mesmo tempo em que chegaram para tratamento. Depois de alguns meses na escola foi solicitado aos pais, pela escola, que ele tivesse uma acompanhante pedagógica que auxiliaria a professora nas atividades destinadas a Miguel.

A inserção deste outro elemento na escolarização de Miguel e em seu tratamento, considerando que a escolarização, como destaca Kupfer et al. (2007), tem efeitos terapêuticos, foi de fundamental importância. O trabalho, então, passou a ser feito em conjunto, com reuniões regulares com a equipe escolar e a fonoaudióloga que acompanhou Miguel na instituição por algum tempo, para que o saber sobre Miguel circulasse entre todos.

Legnani e Almeida (2004) ressaltam a importância da circulação de saber entre os diversos profissionais que se envolvem no tratamento e os agentes escolares, evitando, assim, uma desvalorização do saber do professor e da escola sobre a criança e o sentimento de impotência e angústia paralisante que se instalam na prática diária.

Além disso, podemos pensar que exerço nesta intervenção de interpretação do som que ele produz, e em outros diversos momentos do tratamento, o papel de Outro primordial, que recebe o som produzido pela criança como um apelo e lhe devolve com uma significação ainda alienada aos seus próprios conteúdos. No entanto, quando permito que ele se afaste sem segui-lo, quando respeito que ele não permita que eu me sente ao seu lado no chão, mas permaneço presente de outras maneiras oblíquas, ou quando duvido de minhas interpretações nas ocasiões em que elas não são claramente correspondidas pelo paciente, estou fazendo papel de um Outro que possui barramento, marcado pela castração e pela impossibilidade de compreensão total pela linguagem, admitindo o equívoco que nela está sempre presente.

Sobre essa posição de não saber do analista, Neves e Vorcaro (2011) nos dizem

é ao ser mal sucedido nessa empreitada de tentar significar a criança, ou seja, ao fracassar na procura de reciprocidade entre as manifestações da criança e a interpretação destas, que o enlaçamento da pulsão pela criança pode aí ocorrer (p. 289).

Miguel, então, em uma das sessões recorrentes, passa em frente ao espelho, que estava lá desde o início e nunca lhe havia despertado a menor atenção, e para por alguns segundos olhando para sua imagem que aparece refletida. Digo que quem apareceu no espelho foi ele, Miguel, mas ele imediatamente sai. Cabe

destacar que até o início do tratamento Miguel não tinha espelhos na altura de seus olhos em sua casa, o que logo foi providenciado pelos pais.

Após essa sessão, lentamente começou a explorar o espelho da sala de atendimento e o de casa, como relatado por seus pais. Parava em sua frente, fazendo muitos sons e olhando para a boca que se movimentava, tocando em diversas partes do próprio corpo e olhando para sua mão que se mexia. Assim, pude ir falando sobre o que ele via no espelho, dizendo-lhe das partes do corpo que tocava e confirmando que aquele era mesmo ele, apesar de ainda não me demandar nenhuma confirmação. Além disso, Miguel tocava em meu rosto quando me abaixava para falar perto dele e logo depois ia para o espelho, como para reencontrar a imagem que via em mim enquanto duplo.

Com isso que vinha acontecendo nas sessões, podemos supor que Miguel estivesse vivendo um segundo tempo da pulsão escópica, onde novamente passa a ter como objeto de investimento o próprio corpo, possibilidade que se abre de reconhecimento de si mesmo, chegando a dizer, ao olhar-se no espelho de casa, “mi mão”.

Os pais, ao longo deste período, tiveram grande modificação em seu comportamento em relação aos filhos. Anteriormente, nos momentos de encontro com a analista na recepção, sempre tinham algo a dizer sobre a saúde física das crianças, como, por exemplo, se estavam gripados, ou com alergia. Em resposta sempre ouviam aquilo que Miguel tinha feito de surpreendente nas sessões. Aos poucos, então, conseguem começar a contar coisas que Miguel tem realizado em casa, suas tentativas de falar, de fazer demandas e as brincadeiras com a irmã que começavam a surgir.

Todos na instituição percebem que os pais passaram a conversar com as crianças na sala de espera, e a emprestar seu corpo para investimento, esperando-os com os braços abertos quando vinham correndo desenfreadamente no corredor, supondo que estivessem correndo para eles, pegando-os no colo, coisa que nunca haviam feito antes, nem quando bebês, porque tinham medo de mimá-los demais. As crianças, por sua vez, passam a pedir e procurar o colo e o abraço.

Aqui, podemos pensar que Miguel pôde começar a encontrar no olhar dos pais, assim como no meu enquanto analista que fazia o papel de Outro primordial, uma imagem narcísica, idealizada, pois agora talvez esses pais conseguissem antecipar ali um sujeito, investindo libidinalmente no filho quando percebem que este de fato pode responder. Abre-se então a possibilidade de retificação, mesmo que e maneira ortopédica, de uma falha.

Em período posterior dos atendimentos, Miguel descobre um brinquedo que, assim como o espelho, até então nunca havia lhe despertado interesse. Em verdade, eram raras as coisas que despertavam o interesse dele a ponto de parar para explorar o objeto, mas isso começa aos poucos a se modificar. Tratava-se de uma torre de plástico que consistia em dez peças parecidas com cuias, redondas e ocas, que se encaixavam uma na outra formando a torre. Inicialmente, Miguel desmonta todas as peças, com muito interesse pelos números grafados nelas, e as faz girar no chão.

Para desmontar as peças Miguel as puxava com a boca, pois não fazia nenhuma demanda de ajuda quando não conseguia realizar algo, e quando as retirava, uma por uma, ficavam na frente de seu rosto. Cada uma das peças continha um furo no meio que permitia a visão do outro lado. Em uma das vezes que Miguel retira as peças, coloco meu rosto em frente ao buraco. Digo então “Oi Mimi!!”, forma pela qual era chamado pela irmã. Ele sorri como quem gosta da brincadeira e passa a repeti-la em toda sessão, colocando as peças sob seu rosto e vindo até mim para me ver pelo buraco. Assim, vou introduzindo na brincadeira outros significantes para denominá-lo, como, por exemplo, “o menino lindo”, “o menino esperto”, “o menino que estava aqui”. Sorria todas as vezes que isso era repetido, mas não permitia que eu colocasse a peça sob meu rosto para olhá-lo pelo buraco, trocando de posição daquele que olha para se fazer olhado.

Esta brincadeira, assim como aquela em que se escondia por trás de uma almofada, poderiam ser pensadas a partir da referência de Freud ao jogo do Fort-Da. Em *Além do Princípio do Prazer* Freud (1920) nos fala sobre a atividade que observa em seu neto de 18 meses, em que este joga longe para depois recuperar um carretel de linha, repetidas vezes. Esse movimento de ida e vinda do carretel é acompanhado dos sons *o-o-o-oe Da* que lembram o som das palavras *Fort* que

significa “*foi embora*” em alemão, e *Da*, que significaria o avistar do objeto “*lá*” em seu lugar.

O menino costumava brincar dessa maneira quando sua mãe estava ausente, o que faz Freud interpretar que era essa experiência, a do aparecimento e desaparecimento da mãe que ele estava repetindo com seu jogo. Assim, apesar de estar revivendo uma situação geradora de angústia, Freud observava que o neto obtinha satisfação. Perguntou-se, portanto, o que estaria por trás disso que aparentemente contrariava o princípio do prazer. Afirma, então, que a satisfação obtida pelo neto vinha da possibilidade de reviver a situação passando da passividade da experiência à atividade do jogo.

Assim, Miguel repetia os momentos em que era filmado pelo pai, agora na posição daquele que exerce a ação. Provável momento de angústia, agora podia ser revivido me colocando como objeto, como nos primeiros tempos da pulsão, lugar antes ocupado por ele. Podemos pensar que Miguel permanecia para os pais, nesse momento, no lugar de objeto de um gozo voyeurista. Além disso, olhando-me olhá-lo pelo buraco, Miguel bordejava um olhar que antes era sem borda, sem limite, um olhar que engolia porque era sem desejo, ou seja, não lhe concedia um lugar. Ele me barra, impedindo que eu o recoloca na posição de objeto.

Da mesma forma que na brincadeira da almofada, Miguel aqui se sente reconhecido pela minha invocação, pois depois de chamá-lo eu posso dizer a ele um oi que garante a sua existência. A invocação aqui também passa a ter um limite, uma circunscrição, pois não é mais lançada ao vento, tem um objeto específico a quem chama e que vem.

Souza (2011) nos lembra que o jogo inaugura uma inscrição simbólica e se constitui como momento da causação do sujeito que o permitiria sair unicamente do campo do Real. Parece que é exatamente isso o que vemos no caso de Miguel. A partir dessa brincadeira ocorre uma grande virada em seu tratamento, e parece dar início ao possível processo de constituição de um sujeito.

Depois de muito repetir essa brincadeira em diversas sessões, Miguel finalmente coloca a peça do brinquedo no meu rosto para que dessa vez eu o olhe pelo buraco. Além disso, Miguel passa a fazer coisas na sala que sabe que não são

permitidas, e nesse momento procura meu olhar sorri, pedindo que eu lhe invoque e diga “Não, você sabe que isso não pode”. Escolhe brincadeiras que compartilha comigo invocando com o olhar a minha voz que traduz suas ações e lhe nomeia as coisas. Esconde-se no banheiro da sala esperando que eu lhe chame pelo nome pedindo sua volta, ao que ele reaparece e espera que eu confirme, alegremente, que ele voltou. Podemos entender que neste momento Miguel se encontra vivenciando o terceiro tempo do circuito pulsional, em que procura se fazer olhado e invocado pelo Outro.

Jerusalinsky (1995) nos fala sobre os *jogos de borda*, que seriam com frequência vivenciados pela criança autista durante seu processo de análise, permitindo ao analista intervir de maneira a marcar uma descontinuidade necessária no tempo sem escansão do autismo e serviriam, assim, à constituição do sujeito. Esses jogos seriam aqueles do tipo “*cadê, tá aqui*”, relacionado por ele ao “*fort*” da freudiano, “*este é o outro*”, que institui a possibilidade dos objetos transicionais, e o “*cai, não cai*”, típico jogo de borda, que recortariam o campo pulsional e possibilitariam a separação e a constituição do espaço entre o sujeito e o outro.

No percurso de Miguel vemos a presença de dois destes jogos que parecem ter tido, de fato, efeitos de constituição de sujeito. A partir dessa brincadeira, e dos avanços já destacados anteriormente, Miguel passa a ter um desenvolvimento muito rápido, sentido por todos a sua volta. As brincadeiras que construímos juntos em alguns momentos das sessões eram fruto das minhas tentativas de me inserir em seu mundo sempre de maneira indireta, sem tornar-me uma intrusa, a partir daquilo que ele demonstrava de interação com os objetos e comigo, mesmo que isso estivesse completamente ligado às suas atitudes autísticas. Ele, por vezes se enganchava.

Isso é o que Jerusalinky (2011) propõe enquanto possibilidade da transferência com crianças autistas. Para ele, a primeira transferência que vemos o autista nos propor é nos colocar, enquanto analistas, incluídos no real de seu corpo, presos exatamente nas atitudes autísticas da criança, sem tentar eliminá-las como se fossem sintomas sem sentido. Ele nos diz

No momento em que a criança nos inclui no real de seu corpo, é aí onde qualquer gesto provoca uma disjunção, ou seja, uma separação, um intervalo ou um rompimento da continuidade, uma ruptura da continuidade, é vista então pela criança. Aí nasce algo que

falta. Faltou um pedaço real do corpo. É aí onde começa a caber o significante. Se eu não realizo, primeiro, essa operação, não há transferência possível. Por aí se inicia a transferência no autismo. (p. 128)

Uma brincadeira muito significativa, e que reaparecerá em outros momentos do tratamento com outras roupagens, era a de jogar um carro de um lado ao outro de uma mesa, na minha direção, para que eu o amparasse e impedisse sua queda no chão dizendo “Peguei!”. Eu devolvia o carro para ele por cima da mesa e ele me pedia, com o olhar, que confirmasse que ele pegou o carro, dizendo “Ufa! O Mimi salvou o carrinho!”. Por vezes, quem se jogava no chão enquanto andávamos pela clínica de mãos dadas era o próprio Miguel.

Laznik (2011), comentando o caso de um menino autista em seu livro Rumo à fala relata uma brincadeira muito parecida com esta que Miguel encena a de se deixar cair, e relaciona esta brincadeira a análise que Lacan faz da jovem homossexual em seu *Seminário X* (1962-1963/ 2005) que se deixa cair na estrada de ferro diante de seu pai. Da mesma forma que a jovem homossexual, o menino, e também Miguel, parecem identificar-se absolutamente com o objeto *a*, objeto que cai. Por não estar seguro de ter no olhar materno lugar de objeto causa de desejo, ele passa a sê-lo.

Assim, o Outro que não deixa cair mostra seu investimento libidinal. Seguindo esta indicação, seguro Miguel, assim como os objetos que ele me direciona, colocando-o neste lugar que ele procura, lugar de desejo, e não de gozo absoluto que deixa o sujeito em desamparo.

Aos poucos passa a dizer muitas palavras, apesar de ainda de maneira ecológica. Diz “cao” para falar do carro com que gostava de brincar, “piapa” para dizer do barco pirata que adorava, “aião” quando encontrava o caminhão, e até algumas palavras com dicção perfeita, como avião, cavalo, entre outras, nomeando os objetos como eu costumava fazer. Neste momento, ainda tem uma colagem na fala do outro que demonstra que sua operação de separação ainda está em andamento, algo que logo aparecerá bem mais estabelecido. No entanto, já é um dado positivo que tenha minimamente se colado aos significantes do Outro.

Suas pequenas-grandes modificações surpreendem a todos, tanto os pais quanto outros profissionais da clínica. Isso fica claro em duas ocasiões, uma em que

outra profissional da instituição, que fazia com Miguel outro tipo de acompanhamento, entra na sala de atendimento para fazer algumas observações. Ele logo a estranha naquele contexto e, olhando para as duas, que olhavam para ele, coloca suas mãos em frente ao rosto, em sentido de vergonha, e diz “Ah não!”. Riram com ele de sua vergonha e ela então diz que vai embora, já que ele parece não querer que ela fique ali, perguntando, como que ao vento, onde estaria a sua chave que ela havia deixado na mesa onde ele brincava. Ele, que aparentemente não estava atento ao que era dito, responde imediatamente, empurrando a chave: “Está aqui a sua chave”. A fonoaudióloga fica muito espantada com seu aparecimento repentino enquanto sujeito.

A surpresa e o gozo que Miguel encontra em nós nesse momento, e que se repetiu diversas vezes com outras pessoas e em outras ocasiões, vão lhe garantindo aquilo que necessita para a homologação de sua mensagem, assim como no *Witz* freudiano destacado mais acima.

Em outro momento os pais me relatam que Miguel começou a pedir os alimentos de sua preferência em casa, coisa que antes não acontecia, pois comia aquilo que lhe era posto no prato, e a negar-se a comer algumas coisas que não eram do seu agrado. Assim, marca sua posição de diferença em relação ao Outro. Começa a surgir ali um sujeito que todos podem reconhecer.

Laznik (2004) afirma que a ótica parental a respeito do filho pode ser modificada se houver uma identificação do olhar desses pais com o olhar do médico, ou aqui, do analista, sobre esta criança. Para isso, é necessário que o analista se deixe surpreender pelo “reizinho” que há na criança. A mãe de Miguel disse à analista em uma ocasião “Eu não acreditava que isso (o filho poder falar) fosse acontecer, eu acreditava porque você me dizia que ia acontecer. Hoje, tenho certeza.” (sic.) Neste caso, a transferência dos pais comigo, ou seja, suporem que eu possuía um saber e fazia uma aposta nas possibilidades do destino do filho, foi o que permitiu que se identificassem com o meu olhar e acreditassem no sujeito que eu antevia.

Sua necessidade de repetir as brincadeiras e seriar os brinquedos vai cessando aos poucos e ele vai abrindo-se mais para outras formas de brincar comigo. Assim, construímos a brincadeira do lobo mau, em que um fantoche de lobo

era colocado na minha mão enquanto eu lhe cantava “Eu sou o lobo mau, lobo mau, lobo mau, e pego o Miguel pra fazer mingau!”, dizendo, em seguida, que iria “comer” suas mãos, seus pés, sua barriga, enfim, seu corpo.

Ele, por sua vez, passava em frente ao lobo, como que exibindo suas propriedades apetitosas, para que este cantasse e lhe “comesse” as partes do corpo. Ao que este correspondia como ele ansiava, ele segurava o lobo pelo pescoço, impedindo o lobo de comê-lo. Eu agonizava como lobo, dizendo que ele era muito forte e que me impedia, eu, o lobo, de comê-lo, e dizendo que o Miguel havia se salvado do lobo. Ele, então, respondia: Ufa! Lobo bobo! Essa brincadeira repete-se com muita frequência a pedido seu.

Com essa brincadeira, Miguel coloca-se como objeto do Outro, mas se salva dele barrando-o como quem diz “Goze do meu corpo, mas somente aquilo que eu permito”. Relacionando essa brincadeira com aquela do cachorro feita no início do tratamento, podemos perceber claramente a diferença radical nas ações de Miguel e em sua postura diante de um Outro devorador. Lá, isso o angustiava pela possibilidade de engolimento pelo Outro, enquanto aqui se coloca ativamente na posição de barrar o gozo do Outro ao mesmo tempo em que o provoca.

Além disso, passa a me oferecer alimentos de brinquedo e obtém clara satisfação quando me vê dizer o quanto são gostosos. Cabe lembrar que uma das modificações primeiras observadas em Miguel pela escola e pelos pais era a de que ele teria passado a comer produzindo sons de “Hum!”, quando antes comia sem nem atentar-se ao que lhe era servido. Assim, Miguel demonstra que descobriu o prazer de ser objeto causa de desejo e produtor de prazer para o Outro.

Minhas intervenções vão se tornando para ele muito menos invasivas e ele praticamente para de recusá-las, estando nas sessões quase totalmente voltado para o contato comigo.

Nos próximos meses, Miguel tornar-se-á muito falante, dizendo frases completas e endereçadas a mim. No entanto, sua fala é muito difícil de ser compreendida porque a pronúncia das palavras possui muitas trocas fonêmica. Minha conduta é sempre lhe dizer que não compreendi o que ele disse, pedindo-o

que repita caso queira que eu compreenda, ao que ele, normalmente, e quando deseja, repete devagar e numa tentativa de me fazer entendê-lo.

Quando admito que não compreendo o que ele disse, agora que sua fala se endereça a mim, e permito que ele escolha repetir ou não o que disse, desalieno-o dos meus significantes, que antes eram atribuições necessárias diante do fato de que seus sons precisavam ser interpretados como possíveis palavras, em uma suposição de sujeito. Faço-me furada enquanto Outro que não possui um saber a priori sobre o que ele quer dizer e que não pode adivinhá-lo porque somos separados, sou um outro, e assim ele pode desejar se fazer entendido por mim optando pelo vínculo que antes lhe era insuportável.

Aqui, Miguel parece estar saindo de uma posição na linguagem que Lacan denomina de *saber fazer com alíngua*, que não tem nenhuma preocupação com o enodamento entre Real e Simbólico, portanto, com a comunicação, para um *saber sobre alíngua*, que pressupõe uma intensão de comunicação com o outro e um gozo pela via fálica, ou seja, pela linguagem. Assim, Miguel parece entrar aos poucos no discurso. Como destaca Araújo (2009), “o autista convida o analista a participar de seu *saber fazer com alíngua* e, dessa forma, a esvaziar a plenitude do gozo de seu Outro Real” (p. 125).

Ele pede muitas brincadeiras em que me fura. Anteriormente, necessitava que eu amparasse os brinquedos que ele me jogava, enquanto agora os joga e goza muito quando eu não os consigo segurar antes que caiam no chão. Em outros momentos, coloca o controle remoto do ar-condicionado em meu ouvido, dizendo ser um telefone, ao que eu tenho que dizer “Alô, você quer falar com o Miguel? Não sei onde ele está, vou procurá-lo.”, enquanto ele esconde-se embaixo da mesa. Por alguns segundos o procuro embaixo das mesas e atrás das portas do consultório, até o encontrar e dizer “Eu te achei, você está aí!”, e fazê-lo rir do reconhecimento de sua presença que eu lhe proporciono. Ele se faz chamar por mim, em um terceiro tempo da pulsão invocante. Aqui, não tenho mais um olhar onipresente, como era o olhar de seu Outro primordial, pois não posso saber onde se encontra.

O fim deste relato, que teve a intensão de enlaçar e demonstrar como se dão na prática clínica os conceitos propostos para o entendimento do autismo

destacados acima, assim como pode ocorrer o fechamento do terceiro tempo do circuito pulsional proposto por Laznik (2004) enquanto possibilidade e objetivo do tratamento, não poderia terminar de maneira diferente deste.

Em um momento em que está na recepção assistindo a um filme no *tablet* enquanto a mãe conversa comigo, deseja mostrar-lhe alguma coisa que ele está vendo. Quando ela não olha para ele como deseja, ele lhe diz: Mãe, olha pra mim! Aqui, definitivamente, podemos dizer que Miguel fechou seus circuitos pulsionais, enlaçando pulsão escópica e invocante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud em sua concepção do aparelho psíquico concebe um funcionamento a partir da interação entre traços de memória que se encadeiam em grupos neuronais. Esses traços são formados através das vivências de satisfação do bebê em relação com um Outro primordial que lhe apresenta objetos de satisfação.

Esses caminhos neuronais em busca da satisfação são investidos libidinalmente pelo bebê, mas não de maneira automática. Seu investimento, portanto, sua construção e sua reativação dependem fundamentalmente do investimento do Outro neste objeto que lhe é apresentado e que ele percebe no ato de apresentação feito pela mãe. Assim, o bebê tomará como privilegiados os objetos de satisfação que ele percebe como objetos de desejo materno, num parasitismo do inconsciente da mãe em um momento muito primitivo do desenvolvimento psíquico.

No entanto, para que isto se dê dessa maneira, ou seja, para que esta mãe tenha objetos de desejo, entre eles o próprio filho colocado no lugar do objeto fálico, é necessário que esta sustente uma posição de faltosa. Caso não haja falta, o que falta é o desejo, restando ao par mãe-bebê somente o gozo sem limite.

Como Lacan (1962-1963/2005) aponta em seu *Seminário X*, quando algo aparece no lugar designado da falta, surge a angústia como sinal de um perigo, perigo de um gozo aniquilador. É a partir do campo do especular que Lacan se propõe a falar sobre a falta, o desejo e a angústia.

É no estágio do espelho que se forma a imagem do eu enquanto unidade. É este o momento em que o bebê pede a confirmação ao Outro que lhe segura diante do espelho, de sua imagem. Lacan (1962-1963/2005) destaca que este eu é fundamentalmente função do imaginário, dizendo, com isso, que é de um engodo que se trata.

No olhar do Outro, o bebê encontra uma imagem falaciosa de si mesmo, imagem narcísica que lhe impõe toda a perfeição e lhe engana, portanto, a respeito

de sua própria condição de faltoso, ou seja, lhe engana sobre o buraco estrutural que se encontra em sua imagem. Este engodo é necessário para que o bebê se aliene nesta imagem e possa constituir-se enquanto sujeito do inconsciente, até que sua própria falta possa comparecer. Assim, enlaçam-se o Real do organismo pelo imaginário contido no olhar materno. A capacidade dos pais de depositarem nos filhos seus ideais narcísicos depende fundamentalmente de que estes possam sustentar sua posição de castrados, ou seja, sua posição no simbólico.

Este engano não está contido somente no olhar do Outro, mas também na voz da mãe que fala ao seu bebê e que promove um tipo de fala denominado pelos linguistas de “manhês”, ou parentes, já que não é só a mãe quem o produz. Laznik (2004) relaciona este “manhês” ao canto da sereia que encanta os marinheiros e os leva para a morte.

É este fascínio da voz materna, que denota seu investimento no objeto filho, que permite que o bebê se aliene também nos significantes do Outro. É na leitura atributiva de sentido que a mãe faz do grito do bebê, interpretando-o como um apelo a sua presença que faz a linguagem, ou seja, o simbólico, enlaçar este organismo, transformando-o em corpo.

Esta alienação também é necessária, dado que o bebê nasce em desamparo e necessita ser falado por um Outro, ou seja, necessita dos significantes que toma do campo do Outro para se constituir enquanto representado por tal significante para outros significantes.

Para que possa constituir-se sujeito de fato, porém, Lacan (1964/2008) coloca como necessária uma outra operação além da alienação, qual seja, a separação, que seria permitida pela entrada de um terceiro, ou seja, do Nome-do-Pai, que impede o gozo materno sem limite e permite que o sujeito se separe deste Outro, não permitindo ser de todo falado por ele. Assim, é necessário que esta mãe, imbuída de seu papel de Outro primordial, abandone esta forma de falar portadora de todos os significados e retorne a uma linguagem passível de equívoco e da impossibilidade de tudo dizer. Para isso, é necessário que ela seja também marcada por esse Nome-do-Pai e o sustente para o bebê.

No entanto, no autismo algo dos campos da voz e do olhar, fundamentalmente formas de troca com o outro, parece falhar. Isso pode ser observado pela evitação muito primitiva do bebê que virá se tornar autista da invocação e do olhar do outro.

Como justificativa para esta evitação estaria a aposta de que o Outro do autista seria frágil em sua posição simbólica, ou seja, não conseguiria sustentar sua posição de castrado diante do filho, o que imporá uma falha na relação entre o campo do sujeito a advir e o Outro que teria a função de lhe fornecer as bases de sua constituição. Estariam, portanto, a mãe e o bebê presos em uma relação de puro gozo, que é sentida pelo bebê como invasiva demais. Desse gozo do Outro ele defende-se elidindo estes traços maternos que poderiam vir a marcá-lo e a ligarem-se entre si na constituição do inconsciente em seu funcionamento como uma linguagem, ou seja, por metáfora e metonímia.

Esta fragilidade simbólica, ou seja, este fracasso na sustentação de sua posição de castrada diante do filho impactaria diretamente na forma como este consegue olhar e invocar o bebê de quem se ocupa.

Dessa forma este Outro não conseguiria enganar-se a respeito da imagem do bebê, ficando este último unicamente no registro do Real. Ao olhar seu bebê, uma mãe frágil na sustentação de sua falta encontra-se com o horror da castração, do Real. Já o bebê encontra no olhar de sua mãe, no horror desta ao fitá-lo, a sua própria condição de faltante do qual essencialmente este olhar deveria enganá-lo. Isso impediria a constituição da imagem especular e do narcisismo do bebê.

Restaria aos dois uma relação pautada pela angústia, já que esta mãe tenderia a colocar o filho no lugar de objeto de seu gozo, e não como objeto *a*, ou seja, objeto causa de desejo que impõe necessariamente a existência e o reconhecimento de uma falta. Para defender-se de ocupar tal lugar, e da angústia de ser invadido pelo olhar de um Outro gozador, o bebê passaria a evitar este olhar na tentativa de barramento deste gozo.

Em relação à voz, percebe-se nos vídeos de bebês que se tornarão autistas, uma ausência do “manhês”. Para que consiga produzir o “manhês” é necessário que

a mãe reconheça a impossibilidade da linguagem de tudo dizer, tentando enganar essa condição através desta fala particular ao bebê.

A mãe do autista não conseguiria produzir uma fala fascinante para seu bebê porque não reconheceria o caráter de impossível da outra linguagem. Assim, não recorreria ao “manhês” como forma de burlar sua condição de castrada, simplesmente porque não a reconheceria.

Esta ausência do “manhês” impediria o encanto do bebê pelos significantes proferidos pela mãe e a passagem do registro do barulho para o som. O barulho é invasivo para o bebê, que se sente devastado por uma voz que não lhe engana a respeito das possibilidades de tudo dizer pela linguagem, promessa de gozo fálico que não se impõe. Ao bebê, só restaria isolar-se de qualquer chamamento deste Outro, negando-se a se alienar.

É importante ressaltar que não se sabe exatamente onde se iniciaria o ciclo-vicioso desta falha. Não se sabe, portanto, se seria o bebê que desde sempre não responderia a contento e que deflagraria uma condição de fragilidade simbólica materna já existente, que faz com que logo desista do contato com o filho que lhe impõe sua castração, ou se a condição de fragilidade materna a impediria desde o início de cumprir sua função de Outro primordial, fundamentalmente nos campo do escópico e da invocação, e que faria com que o bebê parasse de responder.

O que não se pode negar, no entanto, é que esta falha ocorre em momento muito primitivo do desenvolvimento psíquico, o que impediria que tivéssemos qualquer certeza do que se passa, mas que possibilita que desde cedo a falha nesta relação seja passível de ser reconhecida, abrindo, assim, a possibilidade de um tratamento precoce.

Independente de qual seja a origem da falha, o que importa a nós analistas de crianças autistas é que algo necessita ser feito que possa remediar na medida do possível essa realidade. Assim, diante desta aposta de que o Outro do autista é um Outro gozador e invasivo, a clínica deve ser pensada como um tratamento deste Outro que permita que o sujeito advenha. Isso significa ajudar a criança autista a barrar este Outro de outra maneira, para que possa abandonar a elisão como forma de defesa.

Para a criança autista, qualquer demanda do outro é sentida como uma invasão do Real, como presença de um Outro todo que impõe sua exclusão. Assim, nosso trabalho seria inverso ao da análise clássica, ou seja, seria ir do Real ao simbólico, enquanto que na análise do neurótico parte-se do simbólico em direção ao Real atravessando a fantasia.

Na tentativa de repararmos essa falha, nos posicionamos como um Outro barrado, que, no entanto, faz o papel de Outro primordial, ocupando o lugar de espelho plano que promove uma imagem do eu que permite a constituição imaginária necessária.

Assim, o autista que inicialmente se coloca na posição de objeto para um Outro gozador, pode abrir mão da evitação do outro, fechando, assim, o circuito pulsional com a garantia adquirida lentamente de que esse Outro não o aniquilará com a invasão de seu gozo, posicionando-se no lugar de sujeito pulsional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, M. E. da C. (2009). A representação e o gozo na clínica do autismo. *Estilos da clínica*, 14 (26), 106-127. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46051/0>
- Bastos, A. (2014). A voz na experiência psicanalítica. *Ágora*, 17 (1), 59- 70. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151614982014000100004&script=sci_arttext&lng=es
- Catão, I. (2009). *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo, SP: Instituto Langage.
- Cavalcanti, A. E. & Rocha, P. S. (2002). *Autismo: construções e desconstruções*. (2 Ed). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Crespim, G. (2004). A clínica precoce: contribuição ao estudo da emergência do psiquismo no bebê. In *A clínica precoce: o nascimento do humano*. (Fernandes, C. M. & Fernandes, M. A. & Camarotti, M. do. C. & Aragão, R. O., Trad.) (pp. 13-45). São Paulo, SPI: Casa do Psicólogo.
- Fernandes, L. R. (2000) *O olhar do engano: autismo e Outro primordial*. São Paulo, SP: Escuta.
- Ferreira, S. S. (2010). Será o manhês uma exclusividade da função materna? In Barbosa, D. C. & Oliveira, E. P. (Orgs.), *Psicanálise e clínica com bebês: Sintoma, tratamento e interdisciplina na primeira infância*. (pp. 51- 73). São Paulo, SP: Instituto Langage.
- Ferreira, S. S. (2014). Autismo e declaração de guerra à Psicanálise. In F. Muratori & R. Lerner (Orgs.), *Os enlases do corpo e da escrita na criança e no adolescente* (pp. 178- 184). São Paulo, SP: Instituto Langage.
- Freire, A. B. (2002). A constituição do sujeito e a alteridade: considerações sobre a psicose e o autismo. *Estilos da Clínica*, 7 (13), 78- 91. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/61043>
- Freud, S. (1895/ 1996). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 1*. (pp. 335-469). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1896/ 1996). Carta 52. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 1*. (pp. 281- 287). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1905/ 1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol 7*. (pp. 117- 231). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1910/ 2013). Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. In *Obras completas, Vol. 9.* (Souza, P. C., Trad.) (pp. 313- 323). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Freud, S. (1914/ 2012). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In *Obras completas, Vol. 11.* (Souza, P. C., Trad.) (pp. 245- 327). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Freud, S. (1914/ 2010). Introdução ao narcisismo. In *Obras completas, Vol 12.* (Souza, P. C., Trad.) (pp. 13- 50). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Freud, S. (1915/ 2010). Os instintos e seus destinos. In *Obras Completas, Vol. 12.* (Souza, P. C. Trad.) (pp. 51- 81). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Freud, S. (1922/ 2011). A cabeça da medusa. *Obras completas, Vol. 15.* (Souza, P. C., Trad.) (pp. 326- 328). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Gontijo, R. A. G. (2008). *Autismo: da concepção deficitária ao retorno de gozo* (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas). Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_GontijoRA_1.pdf

Jerusalinsky, A. (1995). A educação é terapêutica? Acerca de três jogos constituintes do sujeito. *Amarelinhas – revista da Biblioteca Freudiana de Curitiba.* 2 (2).

Jerusalinsky, A. (2011). *Para compreender a criança: chaves psicanalíticas.* São Paulo, SP: Instituto Langage.

Kanner, L. (1943/ 1997). Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In Rocha, P. (Org.), *Autismo.* São Paulo: Escuta.

Klein, M. (1930/ 1981). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In *Contribuições à psicanálise.* (pp. 295- 313). São Paulo, SP: Mestre Jou.

Kupfer, M. C. (1996). A presença da psicanálise nos dispositivos institucionais de tratamento da psicose. *Estilos da clínica, 1* (1), 18-33. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/estic/article/download/60686/63735>

Kupfer, M. C. (1999). Psicose e autismo na infância: problemas diagnósticos. *Estilos da clínica, 4* (7), 96-107. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141571281999000200010&script=sci_arttext

Kupfer, M. C. (2000). Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. *Psicologia USP, 11* (1), 85-105. doi: 10.1590/S0103-65642000000100006

Kupfer, M.C; Faria, C. & Keiko, C. (2007). O tratamento institucional do Outro na psicose infantil e no autismo. *Arquivos brasileiros de psicologia, 59* (2), 156-166. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180952672007000200006&script=sci_arttext

Kupfer, M. C., Jerusalinsky, A. N., Bernardino, L. M. F., Wanderley, D., Rocha, P. S. B., Molina, S. E., ... Lerner, R. (2009). Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology*, 6 (1), 48-68. Disponível em: http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/latin_american/v6_n1/valor_preditivo_de_indicadores_clinicos_de_risco_para_o_desenvolvimento_infantil.pdf

Lacan, J. (1949/ 1998). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In *Escritos*. (Ribeiro, V., Trad.) (pp. 96- 103). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1953-1954/ 2009). A tópica do imaginário. In *O Seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. (Milan, B., Trad.) (pp. 101- 121). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1953-1954/ 2009). Sobre o narcisismo. In *O Seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. (Milan, B., Trad.) (pp. 146- 159). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1955-1967/ 1997). Da rejeição de um significante primordial. In *O Seminário livro 3: As psicoses*. (Menezes, A., Trad.) (pp. 166- 184). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1955-1956/ 1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos*. (Ribeiro, V., Trad.) (pp. 537- 590). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1959-1960/ 2008). O Seminário livro 7: A ética da psicanálise. (Quinet, A., Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1960/ 1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade". In *Escritos*. (Ribeiro, V., Trad.) (pp. 653- 691). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1960/ 1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos*. (Ribeiro, V., Trad.) (pp. 807- 842). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1962-1963/ 2005). *O Seminário livro 10: A angústia*. (Ribeiro, V., Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1964/ 1998). *Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval*. In *Escritos*. (Ribeiro, V., Trad.) (pp. 843- 864). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1964/ 2008). *O Seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (Magno, M. D., Trad.) Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1967/ 2003). Alocuções sobre a psicose da criança. In *Outros escritos*. (Ribeiro, V., Trad.) (pp. 359-368). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1969/ 2003). Nota sobre a criança. In *Outros escritos*. (Ribeiro, V., Trad.) (369-370). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (1969-1970/1992). *O Seminário livro 17: O avesso da psicanálise*. (Roitman, A., Trad.) Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

- Lacan, J. (1972-1973/ 2008) *O Seminário livro 20: mais, ainda*. (Magno, M. D., Trad.) Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lacan, J. (1973/ 2003). *Televisão*. In *Outros escritos*. (Ribeiro, V., Trad.) (pp. 508-543). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lacan, J. (1975/1998). Conferência em Genebra sobre o sintoma. *Opção Lacaniana*, 23. 5-23. São Paulo, SP.
- Laurent, E. (1997). Alienação e separação I. In *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Feldstein, R. & Fink, B. & Jaanus, M. (Orgs.) (pp. 31 - 41). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Laznik, M. C. (2004). *A voz da sereia*. (Daniele Wanderley, Org.) (3 Ed.) Salvador, BA: Ágalma.
- Laznik, M. C. (2007/ 2013). Entre estereotipia e linguagem. (Celestino, M. J. M., Trad.) In *A hora e a vez do bebê*. Oliveira, E. P. (Org.) (pp. 51- 70). São Paulo, SP: Instituto Langage.
- Laznik, M. C & Ferron, C. A pulsão invocante e o Outro na clínica do bebê. In F. Muratori & R. Lerner (Orgs.), *Os enlaces do corpo e da escrita na criança e no adolescente* (pp. 207- 220). São Paulo, SP: Instituto Langage.
- Laznik, M. C. (2011). *Rumo à fala. Três crianças autistas em psicanálise*. (Abreu, P. Trad.) Rio de Janeiro, RJ: Cia. De Freud.
- Lefort, R. & Lefort, R. (1983). *O nascimento do Outro: duas psicanálises*. Salvador, BA: Fator.
- Legnani, V. N. & Almeida, S. F. C. A construção da infância: entre os saberes científicos e as práticas sociais. *Estilos da Clínica*, 9 (16), 102- 121. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v9n16/v9n16a10>
- Miller, J. A. (1997). Contexto e Conceitos. In *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Feldstein, R. & Fink, B. & Jaanus, M. (Orgs.) (p. 15-27). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Neves, B, R. da C. & Vorcaro, A. M. R. (2011). Breve discussão sobre o traço unário e o objeto a na constituição subjetiva. *Psicologia em Revista*, 17 (2), 278-290. doi 10.5752/P.1678-9563.2011V17N2P278
- Oliveira, L. G. M. de, (2010). Efeitos de uma intervenção precoce: O (Re)Nascimento do Outro. In *Lugar de vida, vinte anos depois. Exercícios de educação terapêutica*. Kupfer, M. C. M. & Pinto, F. S. C. (Orgs.) (p. 21-33). São Paulo, SP: Escuta.
- Pinheiro, M. F. G. & Freire, A. B. (2008). A devastação e sua incidência na clínica do autismo. *Estilos da clínica*, 13 (24), 146- 165. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415712820080001000

Pinto, E. B. (2004). A pesquisa qualitativa em psicologia clínica e a pesquisa em psicanálise. *Psicologia*, 15 (1/2), 71-80. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pusp/v15n1-2/a12v1512.pdf>

Quinet, A. (1997). O olhar como um objeto. In *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Feldstein, R. & Fink, B. & Jaanus, M. (Orgs.) (p. 155- 163). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Ragland, E. A relação entre a voz e o olhar. In *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Feldstein, R. & Fink, B. & Jaanus, M. (Orgs.) (p. 202- 219). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Roudinesco, E. & Plon, Michel. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Scheinkman, D. (1995). *Da pulsão escópica ao olhar. Um percurso, uma esquizo*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Soler, C. (1994). Fora do discurso: autismo e paranóia. *Revista de psiquiatria & psicanálise com crianças & adolescentes*. 1 (1).

Soler, C. (1997). O sujeito e o Outro I. In *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Feldstein, R. & Fink, B. & Jaanus, M. (Orgs.) (p. 52- 57). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Soler, C. (2006-2007/ 2012). *Seminário de leitura de texto: Ano 2006-2007. Seminário A angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo, SP: Escuta.

Stelzer, F. G. (2010). Uma pequena história do autismo. *Cadernos Pandorga de Autismo*, 1.

Vorcaro, A. (2002) Sobre o tempo, estímulo e estrutura. In *Enquanto o futuro não vem*. Jerusalinsky, J. (p. 11-20) Salvador, BA/ Brasil: Àgalma.

Zenoni, A. (1991) Traitment de l'autre. *Préliminaire*. 3, 101-113.